



PROFHISTÓRIA

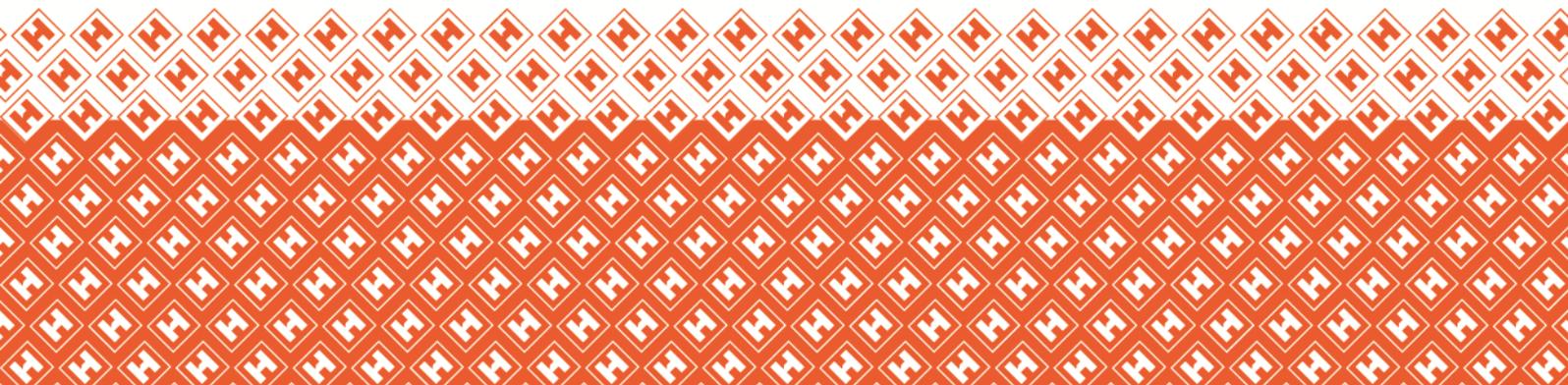
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

FÁBIO AUGUSTO BERTUOL

**Museu da Escola Santa Cruz:
Uma História em Construção**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Fevereiro/ 2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA

FÁBIO AUGUSTO BERTUOL

MUSEU DA ESCOLA SANTA CRUZ:
UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO

CAMPO MOURÃO

2024

FÁBIO AUGUSTO BERTUOL

**MUSEU DA ESCOLA SANTA CRUZ:
UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas históricas: produção e difusão.

Orientador: Dr Jorge Pagliarini Junior

Co-orientador: Dr Bruno Flávio Lontra Fagundes

CAMPO MOURÃO

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bertuol, Fábio Augusto
Museu da Escola Santa Cruz: Uma História em
Construção / Fábio Augusto Bertuol. -- Campo Mourão-
PR, 2024.

101 f.: il.

Orientador: Jorge Paqliarini Junior.

Coorientador: Bruno Flávio Lontra Fagundes.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Ensino de História) --
Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. Ensino de História. 2. Educação Patrimonial. 3.
Museu Escolar. I - Paqliarini Junior, Jorge
(orient). II - Fagundes, Bruno Flávio Lontra
(coorient). III - Título.

FÁBIO AUGUSTO BERTUOL

MUSEU DA ESCOLA SANTA CRUZ: UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO

BANCA EXAMINADORA



Dr. Jorge Pagliarini Junior (orientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes (coorientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Federico José Alvez Cavanna – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Documento assinado digitalmente
 JANAINA CARDOSO DE MELLO
Data: 22/03/2024 08:54:57-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dra. Janaína Cardoso de Mello – Universidade Federal de Sergipe – UFS

Data de Aprovação 20

20 / 03 / 2024

Campo Mourão – PR

AGRADECIMENTOS

Este momento de agradecer é especial, pois é onde serão lembrados todos aqueles que fizeram diferença em minha vida nos últimos dois anos. Em primeiro lugar agradeço a Deus, nosso criador que me permitiu chegar até aqui e a minha santa mãe, Nossa Senhora Aparecida, a quem recorro em todos os momentos de dor e alegria, foi a graça divina que me pegou pela mão e me mostrou o caminho, sem ela eu seria apenas uma alma perdida.

Agradeço especialmente à minha esposa Karine por ter aberto o caminho ingressando no mestrado um ano antes, mostrando que nós podemos alçar voos mais altos e me incentivando todas as vezes em que pensei em desistir. Aos meus filhos Pedro e Maria, embora tão pequenos tiveram que conviver em alguns momentos com os pais cursando mestrado, compartilhando das nossas angústias, nos vendo trabalhar exaustivamente, ficando longe quando foi preciso viajar, o papai ama muito vocês.

Ao meu orientador, professor Jorge, que aceitou começar a me orientar quase na metade do caminho, sempre me entendendo e apoiando minhas ideias, você veio do céu meu irmão, sem tua ajuda não seria possível realizar este trabalho, jamais te esquecerei. Agradeço imensamente ao meu coorientador professor Bruno, sua experiência e paciência me ajudaram muito, suas aulas de Educação Patrimonial e Ensino de História eram muito boas, sempre vou lembrar com carinho.

Viajar 10 horas por semana, enfrentando rodovias perigosas, chuva, e muitas vezes a solidão me fizeram pensar constantemente em desistir, foi aí que Deus colocou pessoas magníficas em minha vida, nunca irei esquecer das palavras do professor Federico dizendo pra aguentar firme, ele sempre dizia “Vale a Pena”, um agradecimento especial ao professor Ricardo Marques de Mello, em uma bela sexta feira entrei em sua aula pensando que seria a última, que eu desistiria e nunca mais retornaria. Pois bem, a aula foi tão boa que saí tão inspirado dizendo que iria até o final, o sr me ajudou e vou guardar isso para sempre. A todos os meus professores do mestrado o meu muito obrigado.

Aos colegas que dividiram carona comigo durante todo o primeiro ano, sem vocês a minha jornada seria impossível, eu não teria condições financeiras de ir sozinho até a cidade de Campo Mourão e as possibilidades de viajar de ônibus eram tão complicadas que seria praticamente inviável, foi graças a nossa parceria que eu consegui realizar todas as disciplinas. Agradeço de coração ao colega Tiago Galinski, uma das melhores coisas que eu obtive nesse período foi a sua amizade, nossas longas conversas me ajudaram muito, logo virão outros desafios em nossas vidas, que Deus abençoe sempre a nossa amizade.

Não poderia deixar de mencionar a UNESPAR e a cidade de Campo Mourão, deixo registrada a minha gratidão pelo acolhimento. Por fim, quero agradecer a escola Santa Cruz que foi como uma casa pra mim durante muito tempo, este trabalho ainda é muito pouco para expressar o carinho que tenho por ela, obrigado à diretora Elaine por abrir as portas e não medir esforços para auxiliar no que foi preciso e aos estudantes que me ajudaram com ideias e participaram das atividades.

Obrigado a todos, de coração!

“Quando penso que cheguei ao meu limite, descubro que tenho forças pra ir além.”

(Ayrton Senna)

RESUMO

BERTUOL, Fábio Augusto. **Museu da Escola Santa Cruz: uma História em Construção**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, Campo Mourão, 2024.

O trabalho “Museu da Escola Santa Cruz: uma História em Construção”, vinculado ao ProfHistória da Unespar, teve como objetivo produzir conhecimento juntamente com os alunos das turmas do 6º ao 9º Ano da Escola Santa Cruz, na cidade de Capanema- Pr, a partir da criação de um museu virtual voltado para o estudo do acervo da escola, bem como produzir aportes para futura construção de um museu físico. Para tanto, a pesquisa dialogou com historiografia sobre História Local; História Digital; sobre a relação história, memória e patrimônio; e sobre o uso de arquivos escolares no ensino e aprendizagem de História, embasando-se em autores como Caimi (2014), Fortuna (2013), Meinerz (2013), Hartog (2003), Câmara e Benício (2017), Kossoy (1999), Mauad (2004) e Burke (2017). Como resultado, apresentam-se atividades que envolvem o museu físico e digital e que se integram ao currículo escolar, a fim de facilitar e trazer significados aos conteúdos históricos, deixando legados que servem de repositório de materiais catalogados para serem expostos no museu. As atividades foram significativas e contaram com o envolvimento dos estudantes diante de um ensino de História mais interessante, estimulando reflexões sobre a sociedade onde a escola está inserida, mapeando as fontes históricas existentes na instituição e problematizando diferentes recortes temporais.

Palavras-chave: Ensino de História, Educação Patrimonial, Museu Escolar.

ABSTRACT

BERTUOL, Fábio Augusto. **Santa Cruz School Museum: A history in the making.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, Campo Mourão, 2024.

The project "Museu da Escola Santa Cruz: uma História em Construção," associated with ProfHistória at Unespar, aimed to produce knowledge together with students from the 6th to 9th grades at Escola Santa Cruz in Capanema-PR by creating a virtual museum focused on the school's collection, as well as to provide contributions for the future construction of a physical museum. To achieve this, the research engaged with historiography on Local History, Digital History, the relationship between history, memory, and heritage, and the use of school archives in teaching and learning history. The research was based on authors such as Caimi (2014), Fortuna (2013), Meinerz (2013), Hartog (2003), Câmara and Benício (2017), Kossoy (1999), Mauad (2004), and Burke (2017). As a result, the project presents activities involving both the physical and digital museums that are integrated into the school curriculum to facilitate and bring meaning to historical content. These activities serve as a repository of cataloged materials to be displayed in the museum. The activities were significant and involved students in a more engaging history education, stimulating reflections on the society in which the school is embedded, mapping the historical sources existing in the institution, and problematizing different temporal contexts.

Keywords: History Teaching, Heritage Education, School Museum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Localização do Município de Capanema no Mapa do Paraná	15
Figura 2	- Imagem de satélite do Município de Capanema - Pr.....	16
Figura 3	- Primeiras turmas da Escola.....	18
Figura 4	- Construção do prédio atual	19
Figura 5	- Fim da obra, 1974	21
Figura 6	- A escola atualmente	21
Figura 7	- Destruição causada pelo temporal	22
Figura 8	- Arquivo de imagens	23
Figura 9	- Arquivo de objetos.....	23
Figura 10	- Alunos da primeira turma depois da Fundação 1961	49
Figura 11	- Trompete da antiga banda marcial.....	49
Figura 12	- Inauguração do Prédio Atual - 1974	50
Figura 13	- Terreno antes da construção - 1973	50
Figura 14	- Prédio da Escola - década de 1980	51
Figura 15	- Imagem de Desfile 7 de Setembro, uniforme antigo	51
Figura 16	- Sugestão de formato para sala temática com museu.....	54
Figura 17	- Sugestão de formato para sala temática com Museu 2	55
Figura 18	- Página inicial do site da Escola	63
Figura 19	- Seção destinada ao museu virtual	64
Figura 20	- Imagens históricas acessadas a partir do site	65
Figura 21	- Exemplo de imagens históricas	65
Figura 22	- Qr Code disponibilizado na entrada da Escola	66
Figura 23	- Rádio Santa Cruz	67
Figura 24	- Qr Code disponibilizado para imagens aéreas	74
Figura 25	- Vista aérea da Escola - ano 1985	74
Figura 26	- Vista aérea da Escola - ano 2001	75
Figura 27	- Exemplo de imagem utilizada	76
Figura 28	- Mapa do percurso realizado pelos estudantes.....	76
Figura 29	- Tour pela Escola	77
Figura 30	- Término da atividade em sala	77
Figura 31	- Exemplo de página do Álbum	79
Figura 32	- Exemplo de figurinha do Álbum	80
Figura 33	- Logos da Escola.....	80
Figura 34	- Prédio da Escola em diferentes épocas	81
Figura 35	- Tabuleiro do jogo.....	85
Figura 36	- Peças dos jogadores	85
Figura 37	- Exemplos de cartas	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de Fontes e Seu Estado de Conservação	48
Quadro 2 - Plano de aula para atividade Mudanças e Permanências a partir das fotografias.....	72
Quadro 3 - Objetivos e resultados alcançados na atividade Mudanças e Permanências.....	78

LISTA DE SIGLAS

APMF	Associação de Pais, Mestres e Funcionários
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCE	Diretriz Curricular Estadual
IVASC	Instituto Vocacional e Assistencial Santa Cruz
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
PSS	Processo Seletivo Simplificado
QPM	Quadro Próprio do Magistério

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - AS MUDANÇAS E AS ALTERNATIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	26
1.1 AS MUDANÇAS NO ENSINO DA HISTÓRIA	27
1.2 AS NOVAS METODOLOGIAS E O USO DOS MUSEUS EM SALA DE AULA.....	29
CAPÍTULO 2 - REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O ENSINO CURRICULAR.....	40
2.1 O CUIDADO COM O PATRIMÔNIO E O ABUSO DA MEMÓRIA	42
2.2 NOVAS PROPOSTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	45
2.3 APRESENTAÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS	47
2.4 PLANEJAMENTO E POSSIBILIDADES PARA O MUSEU FÍSICO	54
CAPÍTULO 3 - ATIVIDADES DO MUSEU VIRTUAL.....	58
3.1 ANÁLISE METODOLÓGICA DA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS NAS ATIVIDADES E EXPOSIÇÕES DO MUSEU ESCOLAR VIRTUAL.....	58
3.2 A CONTRIBUIÇÃO DO DIGITAL PARA O MUSEU ESCOLAR	61
3.3 ATIVIDADE DESENVOLVIDA PARA O MUSEU VIRTUAL	70
3.3.1 As mudanças e permanências a partir das fotografias - 6º Ano.....	70
3.4 ATIVIDADES DO MUSEU VIRTUAL EM DESENVOLVIMENTO	79
3.4.1 O Álbum Patrimonial - 7º Ano	79
3.4.2 O locutor da História - 8º Ano	81
3.4.3 O Jogo: Uma Escola Viva - 9º Ano	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE A – Projeto Atividades Para o Museu da Escola Santa Cruz.....	94

INTRODUÇÃO

Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado.
O Senhor dos Anéis.

(J.R.R Tolkien, 2002)

Para iniciar este trabalho escolhi uma frase do livro o Senhor dos Anéis que resume bem o que senti quando tomei a decisão de seguir a carreira de professor, naquele momento foi como se tivesse chegado a hora de iniciar uma missão muito importante confiada a mim no momento do meu nascimento, como um despertar, uma descoberta do propósito da minha existência, uma jornada inesperada.

O principal motivo deste sentimento deve-se ao fato de eu ter me interessado e ingressado na carreira relativamente tarde, iniciei o curso de Licenciatura em História em 2017 aos 29 anos, antes disso eu havia cursado uma graduação em Sistemas de Informação e administrava uma empresa da área de serviços em eletrônica deixada pelo meu pai que nos deixou bem cedo.

Apesar de ter diversos professores em minha família, o maior incentivo para assumir essa missão veio de minha esposa, também professora, assim iniciei uma nova etapa em minha vida sempre pedindo a Deus a força necessária para vencer os desafios que surgirem em meu caminho. Logo no início da minha caminhada estabeleci como meta trabalhar na escola onde passei grande parte da minha infância, local em que minha mãe foi professora no período entre 1974 e 1999. Antes mesmo de estar matriculado, já convivía no meio escolar. Ali, eu e meus irmãos estudamos por vários anos e mesmo no período em que estive afastado dela acompanhei sua evolução e as suas mudanças.

Sinto tanto carinho por esta escola que, por vezes, tenho a sensação de ela ser a minha própria casa. Os corredores, as salas de aula, as árvores do pátio e o cheiro da cera passada no piso sempre me trazem muito conforto e boas lembranças.

Em setembro de 2019 consegui meu primeiro contrato como professor, sempre muito empenhado passei por algumas escolas do município, até que em 2021 consegui chegar ao objetivo de trabalhar na escola Santa Cruz, no mesmo período surgiu a ideia da construção de um museu que pudesse ajudar a contar a história da instituição, naquele momento ainda não tinha ideia de como e quais seriam os objetivos, porém sabia que ele seria construído e mantido com a ajuda dos alunos. Foi então, ao final do ano, que a situação começou a mudar

quando tive o primeiro contato com o programa de mestrado profissional em ensino de História, o ProfHistória.

Quando ingressei no programa ainda não havia clareza suficiente sobre qual projeto e recurso educacional gostaria de trabalhar, contudo, aos poucos as ideias foram sendo organizadas, agradou-me muito a possibilidade de poder conciliar este projeto tão rico em possibilidades com o mestrado profissional.

Foi a partir da disciplina Seminário de Pesquisa que ele ganhou forma, passou-se então a ser utilizada a concepção de que a construção do museu poderia ser feita através de atividades com os alunos que pudessem integrar o patrimônio local aos conteúdos curriculares e ao final do processo seria possível organizar exposições para as famílias e para toda a comunidade escolar.

A direção da escola sempre foi muito simpática e receptiva à ideia do museu, possibilitando que houvesse amplo acesso ao arquivo onde está guardada a maior parte do acervo, mais adiante comentarei mais sobre ele.

A partir do que foi dito, considerando que a escola é um lugar onde ocorre a construção dos saberes, que as relações construídas em sala de aula têm como principal objetivo a autonomia dos alunos e o ensino de História os ajuda a entender a sociedade onde vivem, podemos verificar a pertinência do projeto:

A educação escolar não se limita a fazer uma seleção entre o que há disponível da cultura num dado momento histórico, mas tem por função tornar os saberes selecionados efetivamente transmissíveis e assimiláveis, para isso, exige-se um trabalho de reorganização, reestruturação ou de transposição didática que dá origem a configurações cognitivas tipicamente escolares, capazes de compor uma cultura escolar *sui generis*, com marcas que transcendem os limites da escola (Forquin, 1993, p.16).

Antes de falar sobre a escola onde irei desenvolver este trabalho quero apresentar ao leitor a cidade onde a nossa comunidade escolar está situada. Destaco que o objetivo do projeto não é contar a história do município, apenas destacar alguns aspectos históricos e geográficos que são pertinentes ao contexto.

Capanema é uma cidade pequena na região Sudoeste do estado do Paraná com uma população de 20.481 habitantes de acordo com o último censo (IBGE, 2022). Ela faz fronteira com a Argentina e com o Parque Nacional do Iguaçu onde por décadas existiu uma estrada de terra com cerca de 17 km chamada de Estrada do Colono, sendo ela fechada por decisão judicial em 1986.

A estrada chegou a ser reaberta pelos moradores, mas foi fechada definitivamente em 2001 isolando a cidade que teve um prejuízo econômico muito grande, ainda hoje, mesmo tendo passado mais de 20 anos, parte significativa da população de Capanema ainda sonha com a sua reabertura, todavia, trata-se de um assunto delicado por envolver políticas ambientais e este é um tema bastante patente e angustiante para as pessoas da região.

Hoje a economia do município gira basicamente em torno da agricultura e avicultura, sendo que a principal empresa da cidade é um frigorífico de frango que impulsiona o município economicamente. Outro produto que já teve uma importância considerável é a cana de açúcar.

Em meados dos anos 90 a produção de melado era bastante intensa, sendo criada na época a Feira do Melado que permanece até os dias de hoje como principal evento do município que ocorre a cada dois anos e serve como exposição para diversos produtos da região.

Figura 1 - Localização do Município de Capanema no Mapa do Paraná



Fonte: Capanema, Prefeitura Municipal (2023)

Disponível em: <https://www.capanema.pr.gov.br/municipio/sobre>

Figura 2 - Imagem de satélite do Município de Capanema - Pr



Fonte: Capanema, Prefeitura Municipal (2023)

Disponível em: <https://www.capanema.pr.gov.br/municipio/sobre>

De acordo com dados encontrados no site oficial do município, existem vestígios da presença de índios Guarani antes da colonização da região que se deu por volta da metade do século XX. Uma matéria do jornal *O Trombeta* do dia 12 de novembro de 1993 intitulada “Enchente revela um cemitério Indígena”, que também faz referência a outra matéria do mesmo jornal feita dez anos antes, em julho de 1983, traz evidências da presença de povos indígenas na região.

Na ocasião descrita pela matéria, após uma enchente um agricultor tenta revolver a terra com um arado do tipo pé de pato e descobre grandes urnas de barro enterradas, dentro delas havia ossos humanos e alguns artefatos como machados de pedra. A matéria ainda dá conta de que a área aproximada do suposto cemitério indígena era de aproximadamente dois alqueires e que antes da chegada dos representantes da prefeitura a população retirou boa parte das urnas recém-descobertas pensando que pudesse haver ouro dentro delas.

De acordo com os relatos deixados pelas pessoas que vieram na região por volta da década de 1950, quando as levas de imigrantes vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina chegaram a esta terra não havia mais presença dos povos nativos, os grupos compostos principalmente de italianos, poloneses e alemães desbravaram o território em busca de novas condições de vida.

A emancipação do município ocorreu em 1951. Logo no início da colonização em 1957 houve uma conturbada disputa de terras entre posseiros e a companhia colonizadora gerando conflitos bastante violentos que só foram resolvidos em 1962 com a vitória dos posseiros. Esse processo teve características semelhantes à guerra do Contestado que aconteceu no início do século XX, onde o atual território de Capanema também esteve envolvido. Esse fenômeno tem sido discutido pela historiografia estadual e nacional, como no caso dos estudos de Myskiw (2002).

Tendo em vista que alguns dados importantes para o município foram apresentados, agora é possível falar sobre a iniciativa que levou à fundação da escola. Sua criação está diretamente ligada à Igreja Evangélica Luterana de Capanema e às levas de imigrantes que chegavam do Sul para povoar as regiões Oeste e Sudoeste do Paraná no final dos anos 1950.

Foi assim que o ex seminarista Carlos Edvino Reschke percebeu a necessidade de ensinar para a grande quantidade de crianças que chegavam à cidade, iniciando as aulas entre os anos 1957 e 1959, antes mesmo da construção de salas de aula e da escola receber registro de funcionamento, lecionando em baixo de uma árvore ou mesmo dentro da igreja, onde os bancos eram retirados e davam lugar às carteiras escolares durante a semana, voltando a serem colocados no final de semana para a realização dos cultos.

Somente em 1961 a escola recebe o registro da Secretaria de Estado da Educação, passando então a ser conhecida como Escola Isolada Santa Cruz e passando a ter um local próprio. As escolas isoladas funcionavam como classes autônomas, na prática eram flexíveis e sua função era a de atender as necessidades locais, como, por exemplo, seu horário de funcionamento que ficava a critério do professor ou das necessidades da comunidade onde a escola estava inserida:

As escolas isoladas representavam outro momento da educação e, comparadas aos grupos escolares, à racionalização e ao controle do trabalho que os caracterizavam, pareciam desajustadas. Essas escolas não eram isoladas apenas por serem classes autônomas, mas também por serem unidades de funcionamento. Embora houvesse uma regulamentação que estabelecia parâmetros para seu funcionamento, elas não apresentavam rigidez, mostrando-se, na maioria das vezes, flexíveis às necessidades locais. (Rossi, 2017, p. 168)

Figura 3 - Primeiras turmas da Escola



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Observando a imagem acima é possível refletir acerca de alguns detalhes bastante peculiares sobre a escola e a comunidade onde está inserida. A princípio vemos o casarão de madeira onde ocorriam as aulas, sua arquitetura e construção são muito simples se comparados com outras obras do período ou até mesmo anteriores, porém, trata-se de um modelo muito comum no interior do estado do Paraná, construído com tábuas largas de vários tipos de madeira encontradas na região e outras estreitas chamadas de mata juntas, cuja finalidade é dar acabamento e cobrir as imperfeições das tábuas maiores tampando as pequenas frestas deixadas na união das mesmas.

Embora atualmente a utilização de madeira para construção tenha sido deixada de lado em virtude da escassez deste material, ainda é muito comum encontrar casas e galpões pela cidade que utilizam esse estilo, mantendo viva a herança arquitetônica dos grupos étnicos que colonizaram a região.

Outro aspecto muito interessante que pode ser notado na imagem é o vestuário dos estudantes e a ausência de uniformes. De acordo com relatos contados pela minha mãe, que já morava na cidade na época da criação da escola, era muito comum a utilização de roupas feitas artesanalmente por costureiras ou mesmo em casa, apesar disso os uniformes foram introduzidos na escola poucos anos após esta fotografia, tratava-se de um modelo muito simples, camisetas brancas e calças pretas para os meninos e saias para as meninas.

Ao final da década de 1960 surge a necessidade de ampliar os espaços que já não comportavam mais tantos estudantes, então, no ano de 1969, através da sede da igreja em Porto Alegre – RS, foi enviado um projeto de busca de recursos à Alemanha, sendo aprovado ainda no mesmo ano e seguindo para a construção de uma nova escola. Para a administração dos recursos foi criado o Instituto Vocacional e Assistencial Santa Cruz (IVASC).

Figura 4 - Construção do prédio atual



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Buscando saber mais sobre esta imagem da construção conversei com a filha de um dos construtores do prédio, conforme os relatos deixados pelo seu pai já falecido, logo após a concretagem do segundo piso ocorreu uma forte chuva, o que acabou gerando imperfeições na laje que ainda hoje podem ser notadas em algumas salas do térreo.

A construção ocorreu entre os anos 1973 e 1974 e após a inauguração o novo prédio passou a abrigar cerca de 700 alunos e ensino particular de 5^a a 8^a séries, em 1991 o município assumiu o ensino de 1^a a 4^a série sendo criada a Escola Municipal Concórdia e em 1996 ocorre a estadualização da escola Santa Cruz, passando a ser denominada Escola Estadual Santa Cruz, chegando a contar com ensino médio por um curto período.

Atualmente, a escola está funcionando em dois turnos, sendo que a Escola Concórdia é responsável pelo ensino fundamental I e a Santa Cruz pelo ensino fundamental II, que chegou a contar com aproximadamente 240 alunos em 2023. A estimativa feita pela direção é de que por lá já passaram mais de 30.000 alunos.

Durante o período de construção deste projeto a escola recebeu autorização para atendimento em tempo integral, conforme será comentado mais adiante. O pedido de abertura do ensino médio que é um antigo desejo da comunidade foi negado, adiando este sonho mais uma vez.

O público de estudantes que frequentam a escola é bastante diversificado. De acordo com o Projeto Político Pedagógico - PPP (2023) obtido na instituição, a maioria dos alunos é oriunda dos diversos bairros da cidade, cerca de 30% deles provém de localidades da zona rural do município, não existe ainda uma predominância de público do bairro onde a escola está situada devido ao mesmo ser tradicionalmente muito pequeno, porém, esta situação está mudando gradativamente devido ao crescimento acentuado do bairro nos últimos 10 anos, sendo que a maioria dos moradores vem sendo de casais jovens com filhos ainda pequenos.

Quanto às condições financeiras destes estudantes, com algumas exceções, a grande maioria é de classe média e média alta. Na maioria das vezes, as famílias têm como característica acompanhar o desenvolvimento e o desempenho escolar dos filhos, também se fazendo presente sempre que solicitado pela instituição. De forma geral, é possível verificar um impacto positivo da escola sobre seus estudantes, ocasionando ótimos números no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e excelente desempenho nas participações em concursos científicos e eventos acadêmicos. Posteriormente no capítulo 3, esta apresentação sobre o público da escola será retomada com mais detalhes.

Para atender seus alunos, a escola conta com uma formidável estrutura interna, as salas do piso inferior são utilizadas para a infraestrutura básica como secretaria, cozinha, banheiros, sala dos professores, dois laboratórios de informática, um de robótica, biblioteca, pedagógico e direção, restando ainda sete salas que são de uso da Escola Municipal Concórdia.

A utilização do piso superior é voltada para as aulas de todas as turmas do ensino fundamental II, totalizando oito salas que atualmente são divididas por turmas, recentemente está em estudo a utilização das mesmas como salas temáticas, sendo assim, divididas por componente curricular. O espaço conta ainda com duas quadras esportivas, sendo uma delas coberta e um campo com gramado natural.

O quadro de professores é composto por sete professores efetivos do Quadro Próprio do Magistério (QPM), sendo o restante da demanda suprido por professores contratados em regime especial, o famoso PSS (Processo Seletivo Simplificado). O número de professores contratados varia a cada ano conforme a necessidade da administração, sendo que em 2023 foram 14 profissionais.

Figura 5 - Fim da obra, 1974



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Figura 6 - A escola atualmente



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Nas imagens acima, uma do final da construção da escola, e a outra da escola atual é possível notar que houve um esforço muito grande para manter a arborização, deixando o cenário verde, embelezando e apaixonando quem passa pela região. É muito comum ver pessoas fazendo caminhadas na calçada ao redor da escola logo pela manhã, no início das aulas ou no final da tarde quando o sol já está se pondo, certamente este cenário verde e a sensação de paz e acolhimento contribuem para isso.

Durante o período de construção deste trabalho presenciamos o capítulo mais triste da história da escola Santa Cruz. Na noite do dia 23 de outubro de 2023 a instituição foi atingida por um forte temporal que alcançou várias localidades do bairro causando muita destruição. As

aulas do dia seguinte foram suspensas e logo pela manhã professores e funcionários foram até o local para auxiliar na limpeza.

Bravamente, no dia 25 as atividades foram retomadas, alguns serviços mínimos puderam ser restabelecidos, porém, as aulas prosseguiram por semanas com muitos improvisos até que a situação voltasse gradativamente ao normal.

Figura 7 - Destruição causada pelo temporal



Fonte: Acervo da Escola (2023)

A Secretaria da escola foi o local mais atingido, para se ter uma ideia, ao término das aulas em dezembro de 2023 alguns serviços ligados a ela ainda estavam sendo improvisados, muitos equipamentos eletrônicos foram molhados e toda a rede de internet foi comprometida, levando mais de um mês até sua completa restauração. Todo este transtorno impactou também o andamento deste projeto, visto que trouxe várias adversidades que demandaram tempo para serem resolvidas.

No decorrer deste projeto, as fontes históricas ligadas ao patrimônio local serão apresentadas e citadas diversas vezes devido à sua importância, quando foram pensadas as primeiras iniciativas para a construção do museu escolar houve a preocupação de fazer um levantamento de quais materiais teríamos disponíveis para trabalhar, foi aí que tive uma grande surpresa ao saber pela diretora que havia a disposição um arquivo na secretaria da escola com material bastante vasto, bem guardado em caixas em um armário.

Posteriormente falarei mais sobre estas fontes que são bastante diversificadas, é possível adiantar que grande parte deste trabalho será realizado utilizando imagens, portanto, serão necessárias algumas discussões a respeito delas, as fontes imagéticas e fílmicas estão entre as

mais utilizadas atualmente pelos professores de História, assim se faz de grande importância analisar seu papel em sala de aula, bem como as metodologias para a realização das atividades.

O acervo ainda conta com utensílios e documentos e que apesar de estarem guardadas estão em excelente estado de conservação, nota-se que a preservação desses registros sempre foi uma preocupação dos diretores e funcionários.

Figura 8 - Arquivo de imagens



Fonte: O autor (2023)

Figura 9 - Arquivo de objetos



Fonte: O autor (2023)

Agora que o leitor foi apresentado ao tema, às características geográficas e históricas do município lócus da proposta e, por fim, às informações gerais sobre a escola onde ocorre a implementação, farei uma breve apresentação do projeto que será desenvolvido em três capítulos que dialogam sobre a utilização da Educação Patrimonial e do patrimônio local nas aulas de História.

O objetivo principal é a criação de um museu escolar construído com a ajuda dos estudantes para ser utilizado de forma complementar aos conteúdos curriculares das aulas de História, igualmente importante para a Educação Patrimonial, sendo que tudo o que for reunido e catalogado ficará em exposição permanente para a comunidade escolar e as pessoas que têm ligação afetiva com a instituição.

Devido à necessidade de diálogo com profissionais da área de museologia e ao curto tempo disponível, o espaço museal foi constituído inicialmente de uma versão digital e de um planejamento que servirá de aporte para a efetivação da proposta nos meses que seguirem após a conclusão deste trabalho. De acordo com o guia básico da Educação Patrimonial:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (Horta, 1999, p. 5)

Já no início do primeiro capítulo serão apresentados conceitos importantes para este trabalho relacionados ao Patrimônio. Em seguida é a vez do tema trabalhado, como ocorre o ensino tradicional do componente curricular de História e as mudanças que ocorreram com o passar dos anos com as reformas educacionais, autores como Abud (2007) nos ajudam a entender como ocorreu o ensino de História no Brasil ao longo das décadas.

Também será problematizada a importância da Educação Patrimonial, uso dos arquivos escolares dentro do contexto escolar e como o trabalho conjunto com os museus pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Para realizar tais reflexões serão visitados autores como Rocha (2015) e Reges (2021), a fim de demonstrar a importância da diversificação dos conteúdos curriculares, utilizando como base os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), importantes documentos norteadores da educação brasileira.

Mais adiante, no decorrer do capítulo serão analisadas as mudanças no ensino curricular de história e como o uso dos jogos analógicos pode contribuir para a diversificação do ensino. Para isso será necessário dialogar com autores como Caimi (2014) e para falar sobre os jogos os autores Fortuna (2013) e Meinerz (2013), entre outros.

Concluindo o capítulo, o leitor encontrará uma breve descrição de outras pesquisas que se assemelham à esta e foram utilizadas como inspiração, em seguida serão apresentadas as justificativas teóricas e metodológicas sobre a análise de imagens, algo tão importante neste trabalho. Na sequência, o segundo capítulo traz a descrição e o detalhamento da proposta trabalhada por este projeto, a justificativa de sua importância, bem como o seu destaque para projetos semelhantes.

Também será feita uma discussão a respeito do fenômeno do “abuso da memória” para demonstrar que o objetivo deste estudo não é apenas o da patrimonialização sem objetivo, ao contrário, o foco principal é que tudo o que for desenvolvido tenha sentido e possa ser utilizado de variadas formas. Para discutir acerca do fenômeno do abuso da memória serão explorados os autores Hartog (2003) e Gonçalves (2015).

Posteriormente, percorrendo os caminhos do ensino e a junção com os conteúdos curriculares do componente de História serão observadas as contribuições que o universo digital pode oferecer ao ensino e aos museus, trazendo importantes contribuições de Caimi (2014) e Câmara e Benício (2017).

Por fim, na conclusão do capítulo, serão apresentadas as fontes históricas disponíveis para a realização do projeto, com destaque teórico e metodológico para o uso de imagens, cuja utilização é mais recorrente devido à sua abundância entre os itens arquivados. Os autores recorridos para tratar metodologicamente do uso de imagens serão Kossoy (1999), Mauad (2004) e Burke (2017), finalizando com demonstrações sobre como o acervo pode ser enriquecido utilizando ferramentas e plataformas digitais.

No capítulo 3 será a vez das atividades que foram planejadas e desenvolvidas, algumas que estão presentes serão apenas descritas e postas em prática em outro momento, também é importante realizar algumas discussões teóricas e metodológicas que darão suporte às atividades planejadas e desenvolvidas, os autores que abordam a análise de imagens e os jogos analógicos serão retomados para complementar os conceitos e as discussões. Concluindo o capítulo, será demonstrado o que já foi implementado e já pode ser visitado pelas pessoas interessadas pelo museu virtual.

Para finalizar esta introdução, gostaria de ressaltar a importância deste trabalho que traz reflexões sobre a prática escolar do componente de História de uma forma ampla, discutindo temas de sala de aula e a possibilidade de conciliação dos conteúdos curriculares com a preservação do patrimônio local, contribuindo para o avanço de novas possibilidades para o ensino.

CAPÍTULO 1

AS MUDANÇAS E AS ALTERNATIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Neste capítulo serão apresentados dados importantes acerca do tema pesquisado com discussões pertinentes sobre algumas mudanças que ocorreram no componente curricular de História com o passar do tempo, a importância do uso de novas metodologias e da educação patrimonial e como elas podem contribuir para o ensino nos dias atuais.

A presente pesquisa teve como objetivo o planejamento e a construção de um espaço museal escolar que poderia servir como recurso pedagógico nas aulas de História e demais componentes curriculares, bem como possa ser visitado pela comunidade local como um todo, de forma presencial e remota, através do auxílio dos estudantes com a mediação do professor.

Antes de adentrar no campo do ensino de História é necessária uma breve passagem por um conceito que será muito utilizado no decorrer deste trabalho, trata-se de apresentar ao leitor sobre o que é Patrimônio, suas origens e seu significado.

A palavra Patrimônio nos remonta à Roma Antiga, onde o termo *patrimonium* em latim significava tudo o que pertencia ao senhor, incluindo mulher, filhos e escravos. Desta forma Patrimônio representa aquilo que é uma herança ou um legado.

Etimologicamente falando, patrimônio significa uma ‘herança paterna. Bens de família’. Logo, é um legado do passado. É verdade que muitos desses bens nos chegaram através de heranças, porém eles não são simplesmente legados de uma geração a outra, eles são ‘construídos’, ‘recriados’, ‘apropriados’. Do mesmo modo, a permanência desse patrimônio no tempo resulta de ações e interpretações dos diferentes grupos humanos, que partem sempre do presente em direção ao passado. (Santana, 2002, s/p)

Com o passar dos anos o termo Patrimônio sofreu alterações, e nos dias atuais está ligado de certa forma a aquilo que as pessoas carregam sentimentos de pertencimento ou ligação identitária. Atualmente, o termo Patrimônio histórico tem sido substituído por Patrimônio Cultural e é desta forma que ele será encontrado diversas vezes no decorrer dos próximos parágrafos, para tanto vamos a definição de Patrimônio Cultural.

De acordo com Costa (2002, p.2):

Os bens culturais que herdamos do passado e vivenciamos no presente contribuem para a formação da identidade, na formação de grupos, nas categorias sociais e no resgate a memória, permitindo estabelecer elos entre o pertencimento, a história e as raízes.

Santos (2008, p. 29) destaca e ainda ressalta que o Patrimônio surge dos laços de ligação e pertencimento de uma comunidade, representando-a pelos bens Materiais ou tangíveis (que podem ser tocados) como prédios, esculturas, obras de arte, etc. e Imateriais ou intangíveis (não podem ser tocados) como conhecimentos, práticas, danças, aspectos culturais, entre outros.

Após esta introdução conceitual aos tipos de Patrimônio, avançamos para uma discussão acerca do ensino de História e as suas mudanças no decorrer dos anos até chegarmos às práticas atuais.

1.1 AS MUDANÇAS NO ENSINO DA HISTÓRIA

As práticas tradicionais e os conteúdos trabalhados pelo livro didático, embora importantes, muitas vezes trazem certa distância do cotidiano dos estudantes, nesse sentido, a proposta de trabalho a partir de um museu criado na escola possibilita trabalharmos com assuntos que possuem significado para os alunos. Lugares e objetos que já foram frequentados ou utilizados por seus irmãos, pais ou avós e que atraem o interesse afetivo dos discentes:

O fundamental é partir do mundo vivido. Contudo, não se trata de um método de revelação do real. Pelo contrário, o intuito dessa pedagogia do objeto é ampliar nossa percepção sobre a historicidade do real, sobre a multiplicidade cultural entranhada nos objetos – a trama de valores e seres humanos que reside na criação, no uso, na transformação, na destruição ou na reconstrução de objetos. (Ramos, 2004, p. 34)

A partir da década de 1990, os métodos historiográficos e as formas de ensinar História através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentaram novas abordagens e formas de ensinar História, buscando que o estudante refletisse sobre seu cotidiano e fosse protagonista de sua história, gerando assim uma grande valorização do ensino da História local.

De acordo com Reges (2021):

Dessa forma, as práticas didáticas têm como propósito instigar a transformação das salas de aula em espaços de produção do conhecimento histórico. Para isso se faz necessário sistematizar e problematizar as leituras dos discentes em relação às fontes históricas (documentos escritos, orais, iconográficos, da cultura material e imaterial, entre outras), que compõem o horizonte de experiências deles. Isto é, criar no aluno o sentimento de sujeito produtor de conhecimento, de pertencimento e sujeito construtor da História. (Reges, 2021, p.309)

Assim, os novos métodos que vieram através dos PCN trouxeram uma nova forma de abordar os conteúdos, muito diferente da noção de história dos grandes heróis e seus atos, herança da escola metódica que por muito tempo direcionou o ensino de História no Brasil, porém, isso não significa dizer que houve uma ruptura completa com a antiga tradição curricular existente no Brasil.

O excerto da autora Kátia Maria Abud (2007) nos ajuda a compreender um pouco melhor sobre a tradição metodológica no ensino de História:

Os programas do Pedro II, que até 1931 foi a escola-modelo brasileira, criaram uma tradição curricular que se mantém até hoje na maior parte das escolas brasileiras, de caráter público ou privado: a de se estabelecerem programas e planejamentos curriculares, nos quais a chamada História Geral, organizada de forma cronológica, ocupa espaço predominante. Introduziram também a discussão de um determinado conceito de identidade nacional, que ainda permeia, apesar das transformações, os textos da História ensinada. (Abud, 2007, p.109)

Durante o século XX houve reformas educacionais, mas elas não refletiram em uma mudança significativa no tocante às concepções e ao conteúdo a ser ensinado. Sobre as reformas que ocorreram naquele período, a autora ainda completa que:

Manteve-se, nas reformas educacionais realizadas no século XX, uma concepção de história eurocêntrica que fundamenta a organização de conteúdos a serem ministrados nas escolas básicas, sobretudo a partir do segundo ciclo do ensino fundamental, ou seja, a partir da 5ª série. Mas manteve-se também a ideia de que cabe à História assegurar a formação dos cidadãos, unidos pelos laços da identidade nacional. (Abud, 2007, p.109)

O ensino de História baseado em uma concepção nacionalista foi muito utilizado com a finalidade de fortalecer uma ideia de patriotismo, de pertencimento à nação e de exaltação à nacionalidade, também é importante destacar que mesmo surgindo novas formas de ensinar História que começaram a ser difundidas a partir dos anos 1990, além de não substituírem completamente a antiga tradição metodológica, não retiraram sua importância, as histórias dos heróis, os grandes feitos e os pioneiros ainda tem importância. O que mudou é que agora não são a única fonte que importa, mas sim, dividem lugar com a história das pessoas comuns.

Para Le Goff (1990), a memória é a propriedade de conservar determinadas informações, e a História se relaciona com ela pelo fato de narrar as ações humanas do presente e do passado. Ainda de acordo com Le Goff, a memória coletiva pode ser utilizada como instrumento de poder, assim cabe aos profissionais científicos da memória como os

historiadores trabalhar para que a memória sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Em sintonia com Pierre Nora, Le Goff (1990, p.407) define a memória coletiva como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”, poderia à primeira vista opor-se em sua quase totalidade à memória histórica como se opunha antes memória afetiva e memória intelectual.

A partir da década de 1990 o debate sobre memória ganhou outras abordagens e problematizações (Candau, 2012), e o conceito de memória coletiva passou a ser problematizada a partir do seu grau de compartilhamento, um fenômeno pensado, inclusive, diante das problemáticas de identidade. Esse entendimento reverberou desde então nos cursos de graduação e pós-graduação nacionais, e por consequência, no Ensino Básico. Dele podemos ressaltar o entendimento de memórias “subterrâneas”, muitas vezes pouco ou nada acessíveis aos historiadores e desconsideradas pela memória coletiva oficial (Polack, 1989).

Mesmo com o ganho de importância das memórias locais e da Educação Patrimonial, podemos verificar que sua utilização ainda está em processo de amadurecimento em muitas escolas, é preciso lembrar que muitas cidades o acesso dos estudantes ou mesmo das visitas escolares aos museus é difícil ou quase impossível.

Ao citar a Educação Patrimonial cabe o destaque de que nem tudo o que consideramos patrimônio já foi tombado, em outras palavras, nem todo o patrimônio é reconhecido, registrado e protegido, a noção de patrimônio vai muito além adentrado nas práticas e costumes das pessoas ou dos grupos.

1.2 AS NOVAS METODOLOGIAS E O USO DOS MUSEUS EM SALA DE AULA

Em nossa prática em sala de aula nos deparamos com os corriqueiros obstáculos do ensino de História, dentre eles está a dificuldade de o estudante relacionar os conteúdos trabalhados com seu cotidiano, muitas vezes essa abstração ou falta de significância em relação ao conteúdo é desmotivadora, todavia, também é possível observar que mesmo tendo essa dificuldade o estudante é um consumidor de história através dos jogos, dos filmes com contexto histórico, assistem youtubers que falam de história, etc.

Cabe citar que de acordo com Leal (2016) foi realizada uma pesquisa nos Estados Unidos em 2013 por uma empresa chamada BrandIndex que avaliou que o canal History Chanel estava entre as quatro empresas mais amadas pelo público, somando isso ao grande interesse

pela moda retrô, jogos, filmes e séries com temas históricos, entre outros, trata-se de exemplos claros do interesse das pessoas pelo passado.

Caimi (2014) destaca outra abordagem significativa sobre essas formas de se aprender história:

Sem desconsiderar o papel da história escolar, também reconhecemos que se aprende história fora da escola, com as séries televisivas, com os filmes, com os monumentos e a arquitetura urbana, com os arquivos e museus, entre tantos outros objetos e fenômenos disponíveis na sociedade. (Caimi, 2014, p. 169)

Sendo assim, o uso de “novas” metodologias permite aos professores abordar os conteúdos de forma diferenciada, permitindo maior interação e aproximação do estudante com os temas estudados, fazendo com que este se sinta motivado. De certa forma, as novas tecnologias contribuem para uma discussão mais antiga:

O processo tradicional, atualmente, é condenado por quase todas as correntes da Pedagogia. Ele é acusado de reproduzir o conhecimento dominante, perpetuar a ideologia da opressão, a cultura do silêncio, por meio da ‘concepção bancária da educação’, que consiste no ‘ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimento’. (Freire, 1987, p. 67)

Com o uso de novas linguagens, a utilização da tecnologia também se faz importantes para o ensino de História, desde que seu uso seja adequado, consciente e bem dosado aparece como uma boa alternativa para superar a tradicional exposição oral em sala de aula:

Ao esquadriharmos os textos que apresentam experiências ou propostas de ‘novas linguagens’ para o ensino de história, bem como os textos de revisão sobre o tema, vemos um movimento discursivo que exemplifica mais do que define o que elas seriam: televisão, cinema, rádio, arte, novas tecnologias. E, nessa exemplificação, os meios de comunicação de massa e expressões artísticas vinculadas ou não a esses meios estão sempre presentes. (Rocha, 2015, p. 98)

De acordo com a Diretriz Curricular Estadual (DCE), o trabalho pedagógico deve ser guiado através de uma diversificação na utilização de fontes, métodos e interpretações, deve haver prioridade nos temas locais comparando-os com a História mundial. O trabalho com a História local, práticas culturais, objetos e construções possibilita que a interação do estudante seja repleta de significado:

Para os anos finais do Ensino Fundamental propõe-se, nestas Diretrizes, que os conteúdos temáticos priorizem as histórias locais e do Brasil, estabelecendo-se relações e comparações com a história mundial. Para o Ensino Médio, a proposta é um ensino por temas históricos, ou seja, os

conteúdos (básicos e específicos) terão como finalidade a discussão e a busca de solução para um tema/problema previamente proposto.

[...]

O trabalho pedagógico com os Conteúdos Estruturantes, básicos e específicos tem como finalidade a formação do pensamento histórico dos estudantes. Isso se dá quando professor e alunos utilizam, em sala de aula e nas pesquisas escolares, os métodos de investigação histórica articulados pelas narrativas históricas desses sujeitos. Assim, os alunos perceberão que a História está narrada em diferentes fontes (livros, cinema, canções, palestras, relatos de memória, etc.), sendo que os historiadores se utilizam dessas fontes para construir suas narrativas históricas.

[...]

Nesse sentido, o trabalho pedagógico com os conteúdos históricos deve ser fundamentado em vários autores e suas respectivas interpretações, seja por meio dos manuais didáticos disponíveis ou por meio de textos historiográficos referenciais.

Espera-se que, ao concluir a Educação Básica, o aluno entenda que não existe uma verdade histórica única, e sim que verdades são produzidas a partir de evidências que organizam diferentes problematizações fundamentadas em fontes diversas, promovendo a consciência da necessidade de uma contextualização social, política e cultural em cada momento histórico. (Paraná, 2008, p. 68-69)

Os jogos analógicos e digitais também aparecem como alternativas bastante pertinentes quando falamos em diversificação no ensino de História, pois permitem que ocorra a imersão e a interação com os conteúdos de forma prática:

Em nosso idioma a palavra jogo vem do latim *jocus*, que quer dizer ‘brinquedo, folguedo, divertimento, passatempo sujeito a regras’, sendo base para *jocularis*, cujo significado é divertido, risível. [...] O termo de maior abrangência é *ludus*, de origem latina, que remete às brincadeiras, jogos de regras, competições, recreação e às representações teatrais e litúrgicas, ele também teria designado escola, particularmente a escola de gladiadores; na Idade Média, referia-se ao teatro sacro através do qual a vida dos Santos era narrada. Dele deriva o termo lúdico, que significa tanto brincar como jogar [...] (Fortuna, 2013, p.69)

É preciso reconhecer que os jogos são fortes e presentes no cotidiano das pessoas e entre os estudantes não é diferente, as competições esportivas, os videogames, os jogos de tabuleiro, entre outros, são parte do cotidiano dos alunos que podem ser trazidos para o chão de sala de aula para serem usados como ferramentas de auxílio pedagógico:

Compreendemos o jogo como prática cultural que pressupõe a interação social, e exploramos essa temática a partir do reconhecimento do potencial presente na apropriação do lúdico em experimentações pedagógicas de construção do conhecimento histórico na escola, justamente pela capacidade de criar vínculos entre os pares (jovens estudantes), dos pares com os mestres

(adultos professores) e de ambos com os saberes e fazeres que circulam dentro e fora da sala de aula [...] (Meinerz, 2013, p. 103)

Neste sentido, assim como as outras estratégias já mencionadas, a utilização dos jogos analógicos e digitais podem ser úteis quando aliados ao ensino de História, este aspecto pedagógico dos jogos não pode ser ignorado pelas escolas e professores, desde que articulados de forma correta trarão benefícios ao ensino por despertarem o envolvimento e o interesse dos estudantes. Dessa forma:

Brincar (no mesmo sentido de jogar [...]) é uma atividade fundamental no ser humano, a começar porque funda o humano em nós: aquilo que o define inteligência, criatividade, simbolismo, emoção e imaginação, para listar apenas alguns de seus atributos – constitui-se pelo jogo e pelo jogo se expressa. Mesmo não sendo exclusiva do ser humano, dado que é compartilhada com outras espécies, marcadamente pelos demais mamíferos, nele adquire especial sentido por ser uma forma de comunicação. (Fortuna, 2013, p.74)

Tal como veremos na sequência sobre o uso dos museus na educação, a utilização de jogos em sala de aula não visa a substituição de todas as formas de ensino de História, nem tampouco deve ser tratada como solucionismo, algo milagroso que vai resolver todos os problemas da educação, ao contrário, sua utilização deve ser bem pensada e planejada a fim de que sua enorme potencialidade seja demonstrada podendo assim contribuir com o processo de ensino e aprendizagem.

No capítulo 3 será apresentada uma proposta de jogo de tabuleiro que une os modelos analógico e digital, bem como um complemento a respeito dessa discussão sobre sua utilização como ferramenta pedagógica.

Assim, a utilização dos museus e da educação patrimonial proporcionam a renovação das possibilidades de diversificação no ensino de História. Aqui cito um exemplo de minha infância, quando aos 9 anos de idade entrei pela primeira vez em um museu na cidade de Brasília - DF, no museu do Catetinho, foi a primeira residência presidencial da nova capital do Brasil, construída na década de 1950, lembro ainda hoje, mais de 25 anos depois o que senti na ocasião e a importância que esse museu tem em minha escolha profissional, foi um momento de despertar de uma paixão que com certeza mudou meu gosto por história.

Muitas vezes pensei em quando seria a próxima vez que eu visitaria um museu, a cidade de Capanema não conta com nenhum espaço museal, sendo que o mais próximo que temos por perto são algumas iniciativas de memorialistas que gostam de história e reúnem todos os tipos de objetos.

Quando falamos em aprendizagem significativa, sempre lembro de momentos como esse e nas mudanças que eles representam, as aulas de história passaram a ter outro sabor em minha vida após a visita ao museu do Catetinho e logo que percebi a ligação desse momento com minha paixão por história me perguntei o quanto proporcionar momentos assim aos meus alunos seria proveitoso ao ensino:

As pesquisas históricas desenvolvidas a partir de diversidade de documentos e da multiplicidade de linguagens têm aberto portas para o educador explorar diferentes fontes de informação como material didático e desenvolver métodos de ensino que, no tocante ao aluno, favorecem a aprendizagem de procedimentos de pesquisa, análise, confrontação, interpretação e organização de conhecimentos históricos escolares. (Brasil, 1998, p.33)

Desde o surgimento da ideia da criação de um museu escolar sempre pensei que os alunos deveriam ser os protagonistas desta iniciativa, conforme a ideia foi amadurecendo foi aumentando a percepção de que a proposta poderia ser muito mais que apenas reunir imagens e objetos antigos, mas sim contribuir com o ensino através de algo que tenha significado e desperte o interesse dos estudantes e que as fontes históricas utilizadas para as atividades possam ser mostradas para a comunidade.

Esta aproximação do estudante com uma atitude historiadora também é importante a medida em que apresenta seus métodos de trabalho, de acordo com a BNCC:

A orientação da BNCC para o Ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental destaca três procedimentos básicos: 1. a identificação de eventos históricos importantes, organizando-os no tempo e no espaço; 2. o desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de uma ou várias linguagens e 3. o reconhecimento e a interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, verificando as hipóteses e avaliando os argumentos com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições autônomas. (Brasil, 2018, p. 416)

A BNCC propõe um modelo de educação que objetiva o desenvolvimento global do educando, buscando assim uma visão plural, singular e integral dos sujeitos da aprendizagem, promovendo assim uma educação voltada ao acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno do aprendiz em suas singularidades e diversidades (Brasil, 2017 p.14). Na BNCC do ensino médio também verificamos esta preocupação com o desenvolvimento crítico do estudante e sua capacidade de utilizar o conhecimento para a resolução de problemas:

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável, requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades. (Brasil, 2017, p. 14)

Mesmo não sendo o propósito inicial deste trabalho, é importante destacar que muitas estratégias podem ser compartilhadas e com alguns aprofundamentos o mesmo pode ser expandido para o ensino médio. Especificamente, a proposta desta pesquisa objetiva a utilização da História local e dos arquivos escolares como forma de inserir elementos cotidianos e próximos aos alunos fazendo a ligação dos conteúdos curriculares com atividades práticas.

Todos os materiais organizados e utilizados nas atividades ficarão disponíveis para a comunidade de forma física no museu a ser criado dentro da escola e já estão disponíveis de forma virtual no site criado para a escola com uma página exclusiva do museu, a qual será apresentada mais adiante.

A junção da história e das memórias locais com o ambiente escolar, bem como a utilização dos museus, da educação patrimonial e da valorização das memórias e identidades possuem grande potencial de fazer com que os sujeitos assumam seu papel de protagonistas no entendimento e nas mudanças de sua realidade, assim pode-se considerar que o museu possui uma posição importante neste processo, no sentido em que se torna um agente na formação das consciências, provocando mudanças na sociedade. Portanto, concordo que:

Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais (ICOM, 1999, p. 112-113 *apud* Mello, 2021, p.597)

Assim, há o entendimento de que os museus estão inseridos na sociedade sendo parte dela e prestando serviço a ela, suas contribuições variam entre os fins educacionais, preservação de memórias e de fontes, permitindo desde o estudo e compreensão do passado até a satisfação das pessoas que o visitam pelo simples prazer de contemplá-lo:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (ICOM, 1999, p. 112-113 *apud* Mello, 2021, p.597)

Durante o período da pandemia¹ ocorreu uma nova conferência entre profissionais da museologia com o objetivo de atualizar a definição de museu e assim atender às novas exigências contemporâneas, a partir de então passou a ser considerado:

Os museus são espaços democratizantes, inclusivos e polifônicos que atuam para o diálogo crítico sobre os passados e os futuros. Reconhecendo e abordando os conflitos e desafios do presente, mantêm artefatos e espécimes de forma confiável para a sociedade, salvaguardam memórias diversas para as gerações futuras e garantem a igualdade de direitos e a igualdade de acesso ao patrimônio para todos os povos. Os museus não têm fins lucrativos. São participativos e transparentes, e trabalham em parceria ativa com e para as diversas comunidades, a fim de colecionar, preservar, investigar, interpretar, expor, e ampliar as compreensões do mundo, com o propósito de contribuir para a dignidade humana e a justiça social, a equidade mundial e o bem-estar planetário. (ICOM Brasil, 2021, p. 2, grifo nosso *apud* Mello, 2022, p.285)

É importante aqui fazer duas rápidas observações: a primeira é que embora a nova definição tenha surgido durante o período de isolamento social, momento em que os museus virtuais se apresentam como uma alternativa viável para os problemas de acessibilidade,² não é possível observar nenhum destaque ou menção ao uso das novas tecnologias ou do acesso aos museus de forma virtual, devemos considerar aqui o fato de que este período era o momento ideal para dar visibilidade para os museus virtuais, bem como para o uso de tecnologia nos museus físicos, já que diversos espaços museais tiveram que fechar as portas durante as restrições sanitárias por não conseguirem operar de forma física, adiando assim, mais uma vez, o debate sobre a inserção de mecanismos tão importantes no tocante a acessibilidade.

No próximo capítulo será discutido sobre a contribuição do digital para a superação de barreiras físicas e os demais auxílios que podem ocorrer quando a tecnologia é aproveitada em benefício do ensino, obtenção de fontes e produção de textos e artigos.

Em seguida é importante salientar que apesar do surgimento das novas propostas para o ensino de História. A sua assimilação por parte dos docentes ocorre de forma gradual, sendo

¹ Pandemia da Doença por Coronavírus (COVID-19) que iniciou na China em dezembro de 2019 e se espalhou pelo mundo causando restrições sanitárias e isolamento social até meados de 2021.

² Ao final do capítulo 2 serão apresentadas contribuições do digital para os museus físicos.

assim, ainda se faz necessário que os professores do componente renovem cada vez mais seus métodos, a fim de contemplar a importância dos museus neste processo, bem como o contexto escolar e social da comunidade escolar, possibilitando o ensino crítico e cidadão, e a reflexão sobre as identidades, aproveitando as possibilidades oferecidas por esta junção com os museus e a Educação Patrimonial.

Um caminho significativo para se pensar na Educação Patrimonial nas escolas pode recorrer ao trabalho e estudo de arquivos escolares. Os arquivos escolares têm grande importância neste processo, pois são registros da atividade e funcionamento da instituição ao longo de suas seis décadas de existência, diversos tipos de documentos referentes aos alunos, à comunidade e à escola compõem este arquivo e nos revelam as fontes históricas das quais falarei mais adiante.

De acordo com Vismara (2019), apesar de os registros escolares estarem presentes há mais de um século, existe a carência de que eles tenham destaque nas instituições escolares.

Los archivos son espacios de resguardo de documentos ligados a una actividad humana o institución. Su gestión debería estar a cargo de profesionales competentes, capaces de administrar aspectos relacionados con la clasificación, el mantenimiento, la difusión y la puesta en valor de su patrimonio. (Vismara, 2019, p.31)

A utilização de tais arquivos, em união com as metodologias de ensino, podem ser ferramentas escolares eficientes, nos levando a uma multiplicidade de fontes e recursos para um trabalho que favorece a aprendizagem, o conhecimento da realidade por parte do estudante, bem como a preservação patrimonial e a exposição para que toda a comunidade possa revisitar seu passado.

Os processos efetivados de organização da documentação de arquivos escolares ou da educação têm contribuído para o incremento das compreensões historiográficas ao potencializar o acesso às informações documentais de forma mais racional. (Conceição, 2018, p.15)

Ao consultar livros, artigos e dissertações de mestrado sobre o tema, percebi que já existem iniciativas muito interessantes e produtivas sobre a educação patrimonial e a relação entre museus e escolas, exemplos de atividades, planejamentos de aulas com visitas a museus, etc. Em muitos casos ou na maioria deles encontrei proposições da escola indo até os museus, em outros casos os museus vinham até as escolas, mas o que mais despertou-me interesse foram as propostas em que havia a criação de espaços de memória dentro do ambiente escolar.

Dentre essas iniciativas quero destacar uma em especial que me chamou a atenção despertando muito interesse, trata-se da pesquisa “Museu” afetivo e ensino de História: práticas de memória na educação escolar”, da professora Nair Sutil, da cidade de Campo Mourão, onde ocorre a construção de um museu afetivo dentro da escola integrando atividades práticas ao conteúdo dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II. Os itens do museu afetivo descrito na pesquisa não ficam em exposição permanente, mas o trabalho em questão foi muito bem elaborado e executado mostrando ótimas formas de se trabalhar a educação patrimonial.

A referida pesquisa explorou a utilização da educação patrimonial dentro do Ensino de História, trabalhando dentro do conceito de memória, utilizando objetos do universo familiar dos estudantes, propiciando um estudo e mapeamento sobre fontes e um magnífico trabalho sobre memórias, tornando os alunos protagonistas no ensino, fazendo-os refletir sobre suas histórias e como o passado pode se relacionar com o ambiente familiar.

Pode-se dizer que o protagonismo dos estudantes, o uso do patrimônio afetivo e a ligação com os conteúdos curriculares serviram de inspiração para a presente pesquisa, porém é importante destacar que o projeto sobre a Escola Santa Cruz se difere em várias características como a origem do acervo, a exposição permanente para a comunidade, o uso de jogos e a ligação com conteúdo de todas as turmas do ensino fundamental II.

A utilização de um memorial local e dos arquivos escolares pode contribuir significativamente com a formação de um sujeito que valoriza sua história, bem como a construção de conhecimento e estudo dos conteúdos curriculares, utilizando as histórias menores, incentivando a preservação das identidades e do patrimônio local: “Como profesores de historia estábamos interesados en diversos aspectos pensados para estas clases en particular: en primer lugar, generar actitudes perdurables de sensibilización hacia el patrimonio escolar e histórico.” (Vianculli, 2019, p.60).

É importante destacar a importância do cuidado com o patrimônio escolar, bem como a sua grande valia quando utilizado juntamente com os conteúdos curriculares para a formação crítica dos estudantes. Para Silva (2020, p. 206), “Patrimônio educativo descreve um conjunto complexo de bens/artefatos, materiais e/ou imateriais resultantes e/ou produzidos em contextos educacionais formais e/ou não formais situados temporal e espacialmente”.

As fontes históricas disponíveis no arquivo da escola serão apresentadas mais adiante, contudo, se faz importante adiantar ao leitor que durante as seis décadas de funcionamento da escola as equipes diretivas e pedagógicas tiveram muito cuidado com seus registros e arquivos, sendo assim a instituição possui um acervo que embora necessite de organização conta com um enorme potencial museal e para ser usado pedagogicamente:

A salvaguarda do patrimônio educativo advém de diferentes finalidades perpassadas pelo dever de preservar, de legar para o futuro um passado considerado crucial na constituição da história da instituição educacional e seus sujeitos. Do arquivamento do documento às práticas de musealização, um conjunto multifacetado de fazeres e saberes tem consubstanciado o patrimônio educativo nessas instituições. São espaços construídos a partir de diferentes perspectivas e finalidades, com acervos que apontam para a eleição daquilo que é considerado como um patrimônio a ser preservado. Existem elos, silenciamentos e propostas que definem as perspectivas do passado a ser salvaguardado e/ou exposto, inclusive no tocante às denominações dos espaços de memória das instituições escolares patrimonializadas. (Oliveira, 2023, p. 14)

A maior parte do material arquivado consiste em imagens, sendo o tipo de fonte mais recorrido durante as atividades com os estudantes, mas é possível encontrar também documentos, objetos, plantas originais da construção, instrumentos musicais, entre outros que serão demonstrados a seguir, sendo assim, é relevante para as próximas discussões analisar a importância de se trabalhar com imagens em sala de aula.

O avanço tecnológico dos últimos anos fez crescer a utilização de imagens e vídeos (que são sequências de imagens) em sala de aula, mas desde a introdução dos livros didáticos nas escolas é possível notar o ganho de importância e espaço que este tipo de fonte vem obtendo. Logicamente devemos destacar que esta utilização não é meramente ilustrativa, possuindo importância significativa como instrumento no processo de ensino e aprendizagem.

Há muito tempo costumamos ouvir um ditado popular que diz: “uma imagem vale mais do que mil palavras”. A frase é atribuída ao filósofo chinês Confúcio que teria dito em forma de provérbio. Apesar de haver muitas observações a serem feitas com relação ao uso de imagens como fontes históricas e ao seu processo metodológico de análise enquanto fontes, como o fato de que sua simples exposição sem legenda em um museu não é garantia de que seu observador irá realmente entendê-la, ainda assim podemos observar sua importância como ferramentas pedagógicas e seu potencial no ensino de História.

Portanto, as imagens possuem enorme potencial para aumentar nossa perspectiva sobre um conhecimento histórico:

Autores que tratam da utilização da imagem no ensino, ou no ensino de História, ou ainda da imagem e da fotografia nos permitem refletir que ler imagens criticamente é o ato de aprender a apreciar, decodificar e interpretar o mundo, observando como as formas são construídas e qual conteúdo comunicam. (Viana, 2013, p. 38)

Assim como o ensino de História passou por mudanças, a partir das décadas de 1970 e 1980 a utilização de imagens por historiadores passou a ser estimulada, modificando a maneira

de se produzir conhecimento histórico e amplificando a percepção do historiador sobre a diversidade de documentos:

Mais precisamente entre as décadas de 1970 e 1980, surgiram discussões em torno da Nova História, passando a considerar a interdisciplinaridade, aspecto central da revista *Annales*, desde a sua criação. Assim, historiadores passaram a multiplicar seus objetos de pesquisa, seus métodos e consequentemente a produção historiográfica, que foi possível, em grande parte, em função do intercâmbio estabelecido entre as disciplinas das ciências sociais, com a prática da interdisciplinaridade. (Cecatto, 2013, p. 20)

A utilização de imagens nas aulas de História ocorre normalmente através de comparações entre fotografias de diferentes épocas ou entre imagens e outras fontes históricas. Burke (2017) aponta que “independentemente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica” (Burke, 2017, p.28). No entanto, é preciso estabelecer caminhos metodológicos para a seleção e análise das imagens, bem como a sua utilização em atividades escolares, estas metodologias serão apresentadas no próximo capítulo.

Ainda de acordo com o historiador Peter Burke (2004), é significativo o uso de imagens por historiadores, afirmando que em muitos casos não seria possível haver pesquisas históricas se os historiadores tivessem se limitado às fontes tradicionais, como, por exemplo, no uso das pinturas de cavernas ou a história do Egito antigo. Burke ainda alerta sobre os riscos de se utilizar este tipo de fonte:

As imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras seu testemunho. Elas podem ter sido criadas para comunicar uma mensagem própria, mas historiadores não raramente ignoram essa mensagem a fim de ler as pinturas nas ‘entrelinhas’ e aprender que os artistas desconheciam estar ensinando. Há perigos evidentes neste procedimento. Para utilizar a evidência das imagens de forma segura, e de modo eficaz. É necessário, como no caso de outros tipos de fonte, estar consciente das suas fragilidades. (Burke, 2017, p. 26)

Na sequência, estas discussões serão conduzidas pelo campo teórico e prático, também serão apresentadas algumas discussões sobre patrimônio e “abuso da memória”, buscando refletir e entender tal fenômeno procurando demonstrar em que este trabalho se diferencia dele.

Por fim, na sequência, será apresentado o resultado dos trabalhos de criação do museu digital além da proposta da criação de um museu escolar físico, visando a integração da educação patrimonial com o ensino curricular de História, utilizando os arquivos da escola que serão melhor apresentados e a discussão de como o uso do digital pode contribuir neste processo.

CAPÍTULO 2

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O ENSINO CURRICULAR

Neste capítulo, a sua primeira parte será responsável pela apresentação das discussões sobre o cuidado com o patrimônio e o interesse das pessoas e dos grupos pela patrimonialização, destacando o papel e o objetivo deste projeto frente a isso.

Em seguida, na segunda parte ocorre a análise sobre a utilização da Educação Patrimonial no Ensino de História, e na sequência a apresentação das fontes disponíveis para a construção do museu escolar, com destaque teórico e metodológico para o uso de imagens, fonte mais recorrente devido à sua abundância entre os itens do acervo.

Por fim, na última parte será discutido como a utilização do digital pode trazer contribuições pedagógicas, apresentando um plano de execução para que posteriormente ocorram as exposições.

Os museus são lugares onde podemos estabelecer uma conexão com o passado, essa conexão nos possibilita entender nosso presente, valorizar nossas identidades, é até mesmo possível utilizarmos dela para projetar nosso futuro. Notadamente, não é o museu um lugar desprovido de ideologias e disputas pelo passado. Vale ressaltar que os museus e a Educação Patrimonial embora importantes aliados, consistem em conceitos diferentes e conforme veremos mais adiante, nem tudo o que é patrimonializado é musealizado e nem tudo o que é musealizado foi tombado.

Dessa maneira, os museus podem ser grandes aliados no ensino de História, já que além de sua função preservacionista, também servem como comunicadores de memória. A educação patrimonial é uma ferramenta importante para que os jovens valorizem suas identidades e memórias e possam contribuir na sua conservação.

Nesse sentido, a autora Júnia Sales Pereira faz contribuições importantes para este trabalho, pois nos ajuda a compreender a relação entre os museus e a educação por meio do patrimônio, demonstrando que os museus têm particularidades que não visam substituir o ensino escolar, mas ao invés disso, contribuir com potencialidades que não estão presentes na escola. “O museu é um ambiente educativo peculiar. Ele tem um acervo de registros selecionados da vivência sócio-histórica. Ele tem, afinal, materialidade e oportunidades de simbolização não encontradas na escola.” (Siman *et al.*, 2007, p. 37).

Cabe destacar que a utilização dos museus, bem como outros espaços diferentes das salas de aula caracteriza-se como uma forma de educação não-formal. Isso se dá à medida em

que apresenta um processo diferente do cotidiano das aulas expositivas, não priorizando a memorização e utilizando metodologias diversificadas e atrativas. Através do apontamento da autora podemos verificar possibilidades de utilização de museus na educação, a fim de potencializar o ensino, utilizando estratégias e métodos que complementam as ações realizadas normalmente nas escolas.

Também é importante destacar que é comum que relações com patrimônio material ou imaterial³ sejam associados à identidade de um grupo social e que todos os patrimônios são importantes e tal importância não se restringe apenas aos patrimônios consagrados, assim segundo José Reginaldo Santos Gonçalves:

Um tipo de arquitetura, assim como uma culinária, uma atividade festiva, uma forma de artesanato ou um tipo de música, pode ser identificado como 'patrimônio cultural' na medida em que é reconhecido por um grupo (e eventualmente pelo Estado) como algo que lhe é próprio, associado à sua história e, portanto, capaz de definir sua 'identidade'. (Gonçalves, 2015, p.213)

É importante analisarmos que, estando o patrimônio associado à identidade de um grupo social ou a uma comunidade e sabendo que nossa sociedade é composta de grupos sociais distintos, é perceptível que possa haver algum tipo de exploração desse sentimento identitário. Este pode ser usado de forma comercial ou cumulativa, fazendo com que o passado se transforme em comércio ou mesmo que ocorra uma tentativa desenfreada de patrimonializar tudo que for considerado importante. Portanto, vale reforçar a importância de todos os tipos de patrimônio e não apenas aos consagrados.

Cabe destacar que, ao mencionar a identidade, me refiro ao sentido de pertencimento das pessoas. De acordo com Delgado (2006, p.71), as identidades são construídas pelas pessoas como mecanismos de afirmação e que, por sua vez, está ligado a natureza histórica e social do homem, aquela que produz a sua humanização, assim buscando o fortalecimento das relações e a sua afirmação social o indivíduo está traçando seu perfil identitário.

A discussão a seguir tem como objetivo debater os limites entre o cuidado com o passado e o patrimônio, especificamente quando este zelo dá lugar a um fenômeno conhecido como abuso da memória.

³ Conforme foi apresentado no início do capítulo 1, Material é tudo aquilo que se pode tocar, como prédios, pinturas, esculturas, etc. e Imaterial não se pode tocar, como danças, músicas, costumes, entre outros.

2.1 O CUIDADO COM O PATRIMÔNIO E O ABUSO DA MEMÓRIA

Conforme a proposta da criação do museu escolar ora apresentada foi sendo ampliada, foi surgindo a preocupação de que o trabalho fosse significativo e não apenas proporcionasse apego excessivo aos objetos, afinal, atualmente estamos presenciando em nossa sociedade um certo apego excessivo com relação à patrimonialização de objetos, estes tomados sem a devida problematização de seus significados para os sujeitos a eles, de alguma maneira, conectados.

Tal fenômeno foi identificado no período compreendido entre o final do século XX e início do século XXI sendo possível dele destacar certa obsessão pela memória e pelo patrimônio configurando uma espécie de “abuso da memória” (Gonçalves, 2015, s/p).

O apontamento é pertinente e significativo, ele descreve uma realidade que salta aos olhos quando falamos em patrimonialização. Assim sendo, se faz importante buscarmos outros autores para entender melhor o que motiva os seres humanos a valorizar e dar sentido aos objetos, para tanto além dos teóricos utilizados para pensar sobre o patrimônio trago também uma perspectiva que foi importante durante as aulas⁴.

Saliento que o objetivo desta discussão não é dizer que as pessoas se interessam pela patrimonialização apenas pela estética dos objetos, mas buscar entender a variedade de motivos que podem levar ao apego pelo patrimônio. Neste sentido, buscando outros conceitos a respeito do tema encontramos em Larrosa *et al.* (2020) um ponto de vista diverso, inspirado em Hannah

⁴ É o caso de analisar o fenômeno a partir da filosofia de Kant. De acordo com Kant (1795), o ser humano é o único capaz de atribuir interesse pela beleza de um objeto e não apenas pela sua função em si. É o caso, por exemplo, a bengala de madeira que o avô usou nos últimos anos de sua vida representa para seu neto muito mais do que um simples instrumento que auxilia uma pessoa com pouca mobilidade a andar, para ele tal objeto está carregado de significado, beleza e afetividade. Seria possível citar inúmeros exemplos materiais, objetos que representam tal beleza e afetividade como relógios, ferramentas ou mesmo imateriais como a forma de se produzir um alimento, prato típico ou receita familiar, uma brincadeira ou dança herdado de um familiar, grupo étnico ou comunitário. Assim, já lançamos alguma luz sobre o processo de darmos valor ou nos sentirmos atraídos por algo que outras pessoas não teriam interesse, o desejo de patrimonializar corresponderia então uma tentativa de conservar aquilo que as pessoas consideram importante, muitas vezes na tentativa de preservar viva a memória de seu ente querido. A partir disso, é possível levantar um questionamento, nos casos em que o desejo de patrimonializar está em algo que não carrega necessariamente a afetividade das pessoas, como por exemplo, em um casarão abandonado ou uma capela que possui uma arquitetura típica, qual seria o interesse de uma comunidade em patrimonializar tais imóveis? Talvez a resposta esteja no fato de as pessoas considerarem tal espaço ou estilo arquitetônico como belo, voltando a ideia de Kant elas estariam interessadas no objeto pela sua beleza e não pela função em si. Scruton (2013) comenta que Tomás de Aquino na primeira parte da Summa define como belo aquilo que agrada ao olhar (*pulchra sunt quae visa placent*), nesse sentido, o que justificaria o desejo de patrimonialização nesse caso seria o temor do desaparecimento gradual daquele espaço considerado belo caso não fosse conservado, dando lugar a algo moderno com outras formas arquitetônicas muito diferentes que muito provavelmente não causariam o mesmo sentimento nas pessoas. De acordo com o filósofo inglês Scruton (2013), desejar algo por sua beleza é desejar esse algo, e não querer fazer algo com ele. Da mesma forma, se tratarmos de patrimônios imateriais podemos verificar o mesmo desejo de manter viva certa tradição, uma dança, por exemplo, a fim de preservar a beleza ou a identidade que determinado grupo relaciona a ela.

Arendt, onde Alba Rico define nossa relação com os objetos de três formas, quais sejam: comendo-os, usando-os e cuidando ou admirando-os, neste último caso os elementos não necessitam ser comidos ou usados pois tem um valor em si mesmo.

Deste modo, segundo o autor, a sociedade em que vivemos tem por característica descartar tudo aquilo que perde sua utilidade prática. “No da tiempo a las cosas a afirmar su presencia. Hace desaparecer las cosas al incorporarlas. Por eso la sociedad de consumo, en tanto que está estructurada por el hambre, es la de la destrucción generalizada” (Larrosa, 2020).

Sendo assim, de acordo com as ideias argumentadas é possível inferir que diferentemente do interesse estético, neste caso as pessoas estariam procurando na patrimonialização uma forma de proteger aquilo que elas admiram e querem proteger, pelo temor de que as mudanças contínuas na sociedade os façam desaparecer.

O autor François Hartog também traz contribuições importantes que revelam outras formas de se analisar o tema. Para Hartog (2003), a expansão do patrimônio existe por causa da forma como nos relacionamos com o tempo. Segundo o autor, o aumento excessivo ou a intensificação da reprodução do passado ocorre devido ao processo de modificação de nossa relação com o presente e o futuro, em outras palavras, estaria ocorrendo segundo o autor um abandono da valorização do futuro e conseqüentemente uma busca pela valorização do presente. Esse regime estaria, de certo modo, sendo substituído por um outro, no qual o “presente” é fortemente valorizado: o regime “presentista” (Hartog, 2003).

Desta forma a valorização que era dada pela sociedade ao futuro seria substituída pela do presente, utilizando e enfatizando muito os elementos do passado, objetos e formas de viver que possam ser agrupados e consumidos.

Nesse contexto, os patrimônios são percebidos como “sintomas” de nossas experiências do tempo: ao descrever e analisar suas variações históricas e geográficas, estaríamos na verdade comparando formas diversas de se experimentar o tempo (Hartog, 2003). No caso da pesquisa ora apresentada, antes do uso do patrimônio como mera demonstração dos problemas do modelo presentista, o patrimônio serve aqui justamente para uma tentativa de equilíbrio dessas temporalidades, uma tentativa de tornar o passado significativo para o presente dos alunos e demais moradores envolvidos.

Hartog (2003) é utilizado por Gonçalves (2015) como base para a crítica sobre determinada forma de sensibilização da nossa sociedade pela memória e pelo patrimônio. Quando observamos tal fenômeno, percebemos que a obsessão pela patrimonialização do tipo “pedra e cal”, referente ao patrimônio de valor material de valor universal, e ainda pouco problematiza nas políticas oficiais o campo do patrimônio intangível.

Ao buscarmos as razões desse apego nos deparamos com a questão identitária, muito presente quando se fala em patrimônio, sendo comum se associar patrimônios imateriais ou materiais à identidade de algum grupo: “defender, preservar e lutar pelo reconhecimento público desse patrimônio significa lutar pela própria existência e permanência social e cultural do grupo.” (Gonçalves, p.213). Por outro lado, o próprio autor destaca os riscos de um presentismo da memória:

Os patrimônios podem simultaneamente servir aos propósitos da indústria turística em escala planetária, às estratégias de construção de “identidades”, à formação de subjetividades individuais e coletivas, às reivindicações de natureza política e econômica por parte de grupos sociais, ou ainda a políticas de Estado. Mas em todos esses usos do patrimônio é possível perceber determinados modos de imaginar e gerir as relações entre passado, presente e futuro. (Gonçalves, 2015, p.213)

Podemos então perceber com os autores citados, que o patrimônio e o bem cultural necessitam de significado, dessa forma encontramos nas memórias da escola algo significativo para a comunidade local, mesmo que estes arquivos não estejam tombados ou musealizados, trata-se, portanto, da busca por um equilíbrio para um ensino de História pautado no patrimônio, ou seja, por um lado valorizar a partir do exercício de anamnese gerada pelo patrimônio os significados históricos locais, e por outro, estar ciente de que uma política de abuso de memória pode impedir a análise dos significados do passado e mesmo de perspectivas de futuro.

Volto a frisar que o objetivo deste trabalho não é “abusar” da patrimonialização, ou mesmo utilizar da memória e dos objetos a fim de transformá-los em souvenirs para simples acumulação ou de forma que servissem para serem consumidos.

Assim sendo, o objetivo desta discussão é atingir uma melhor compreensão sobre o fenômeno e demonstrar que ele é aqui proposto diante da aproximação com uma abordagem pedagógica, facilitadora e emancipadora que proporcione aos estudantes um ensino rico em experiências, considerando para tanto que a escola é um lugar onde os saberes são construídos e as relações estabelecidas objetivam a autonomia dos alunos, bem como o ensino de História propicia e auxilia no entendimento da realidade do estudante⁵.

⁵ É importante salientar que ao afirmar o desejo de aproximar este trabalho de uma abordagem pedagógica facilitadora da produção do conhecimento histórico, isso não se refere ao ato de tornar a História fácil ou mesmo que ela seja consumida pelos estudantes, mas sim, de torná-la significativa e palpável no sentido de que eles possam imergir em suas fontes, sentir prazer ao se relacionar com elas e perceber seus significados. Da mesma forma, o desejo de aproximar a abordagem de uma perspectiva emancipadora refere-se ao fato de que ao ter sua relação com a própria história enriquecida o sujeito possa perceber com maior facilidade seu cotidiano, os atores históricos que o levaram até ele, bem como seu lugar na sociedade.

O ambiente escolar é rico em possibilidades, ali os estudantes podem ser transportados, enfeitados para uma enxurrada de conhecimento, onde diferentemente da simples transmissão de informações eles possam ser levados para outro mundo enquanto o outro lá fora está acontecendo.

Na perspectiva de Masschelein (2014), o ambiente escolar possibilita que os saberes e as habilidades que estão presentes na sociedade podem ser disponibilizados ao público, neste caso os arquivos, a História local e escolar devem ser profanados, obviamente que este termo é utilizado em um bom sentido, aquele em que eles são disponibilizados a todos e possam sofrer ressignificação. Logo:

O conhecimento, por exemplo, mas também as habilidades que têm uma função especial na sociedade, são tornados gratuitos e disponíveis para o uso público. A matéria de estudo tem precisamente esse caráter profano; o conhecimento e as habilidades são efetivamente suspensos dos caminhos em que a geração mais velha cuidou de colocá-los em uso em tempo produtivo, mas essa matéria ainda não foi apropriada pelos representantes da geração mais jovem. O importante aqui é que são precisamente essas coisas públicas, as quais, por serem públicas, estão, portanto, disponíveis para uso livre e novo que proporcionam à geração mais jovem a oportunidade de experimentar a si mesma como uma nova geração. (Masschelein, 2014, p.19)

Em outras palavras, profanar os arquivos escolares, a história e patrimônio local em um sentido de torná-los públicos, compartilhá-los de forma livre, abri-los à comunidade, analisá-los sobre os diversos pontos de vista e deixar que outras pessoas também o façam, possibilitando que sejam comparados uns com os outros.

2.2 NOVAS PROPOSTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Considero que a utilização da Educação Patrimonial e da História Local podem contribuir significativamente no Ensino de História, no processo de construção de conhecimentos, fortalecendo os laços de identidade e proximidade dos estudantes com a escola e nos conteúdos curriculares, tornando as atividades práticas que atuem na formação dos sujeitos e possam ser abertas a toda a comunidade escolar.

Afinal, “Os patrimônios são percebidos como “sintomas” de nossas experiências do tempo: ao descrever e analisar suas variações históricas e geográficas, estaríamos na verdade comparando formas diversas de se experimentar o tempo” (Hartog, 2003).

Quando ensinamos História, estamos buscando que nossos alunos compreendam o presente e se reconheçam como sujeitos ativos na construção de sua história, assim a escola assume um papel de produtora de conhecimento, o que a diferencia de outros lugares que não o produzem, mas sim consomem conhecimento.

Nesse sentido, a escola é capaz de auxiliar no rompimento de visões e comportamentos muitas vezes recorrentes de que o ensino de História é apenas memorização de conteúdos, ou de que ela ensina apenas curiosidades sobre pessoas que na maioria das vezes já morreram. O ensino tradicional tem uma tendência natural de reforçar a ideia de que o ensino de História se trata apenas de uma coleção de fatos e datas. De acordo com Serrano (1937), devemos repensar as práticas exclusivamente cronológicas e memorativas:

Não é lícito em nossos dias, graças ao progresso da pedagogia científica, seguir os velhos e condenáveis processos exaustivos da memória, em que se decoravam páginas e páginas, fazendo-se da história uma insuportável nomenclatura recheada de uma fatigante cronologia. (Serrano, 1937, p.13)

Rompendo com essas visões começamos a compreender a importância do ensino de História e a escola como um local onde há construção de saber, um lugar de formação social e cultural. Nesse sentido se faz de grande importância a possibilidade de contar com atividades extraclasse, que contenham significado próximo aos estudantes, que sejam capazes de fazê-los entender seu presente e torná-los agentes das transformações sociais.

Seguindo nessa questão das transformações sociais voltamos nossas atenções para a sala de aula, pois lá os saberes múltiplos dos alunos e de seus professores se conectam, é lá onde valores e conhecimento são transmitidos e onde modificações sempre constantes exigem que estejamos sempre em atualização, colocando o professor em posição de aluno e dessa forma nos entendendo como alguém que também precisa aprender. Isso pode ajudar-nos a perceber que os estudantes também têm interesses, motivações e saberes próprios que podem inclusive ser utilizados na construção do conhecimento.

Segundo Monteiro (2003, p.10), “Professores e alunos são sujeitos, portadores de visões de mundo e interesses diferenciados, que estabelecem relações entre si com múltiplas possibilidades de apropriação e interpretação”. A escola é, portanto, um local onde ocorre a construção dos saberes, as relações construídas em sala de aula têm como principal objetivo a autonomia dos alunos.

Pensando nisso surgiu a ideia de conciliar formas variadas e diferenciadas de atividades para o ensino de História com a construção de um museu escolar, ao entrar em contato com a

direção, tive acesso ao arquivo onde foram guardadas algumas fontes históricas preservadas na instituição, das quais falarei a seguir.

2.3 APRESENTAÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS

Na sequência apresentarei as fontes disponíveis para o estudo e organização do acervo do museu. Nem todas as fontes serão utilizadas neste momento, algumas serão aproveitadas posteriormente e aqui serão mencionadas como uma espécie de inventário de todo o arquivo.

Há muitos séculos os seres humanos começaram a organizar e registrar eventos por considerarem importantes, tornando assim as fontes históricas matéria prima essencial neste registro. De acordo com Le Goff (1990, p.5):

Desde a Antiguidade, a ciência histórica, reunindo documentos escritos e fazendo deles testemunhos, superou o limite do meio século ou do século abrangido pelos historiadores que dele foram testemunhas oculares e auriculares. Ela ultrapassou também as limitações impostas pela transmissão oral do passado. A constituição de bibliotecas e de arquivos forneceu assim os materiais da história.

Ao analisarmos como as sociedades começaram a se preocupar em registrar e guardar coisas para as futuras gerações nos deparamos com aquele que é considerado o pai da História, Heródoto. Segundo Mello (2022, p.20), “O propósito de Heródoto era registrar os grandes feitos dos gregos e de outros povos, e, assim preservá-los para a posteridade, pois eles eram dignos de lembrança”. Mello ainda comenta que de acordo com a filósofa Hannah Arendt (*apud* Mello, 2022): “ao estudar o pensamento grego no período de Heródoto, fez a seguinte distinção: para os gregos, os deuses e a natureza eram imortais e os humanos mortais”.

Uma das maneiras encontradas de elevar os homens à categoria da imortalidade foi justamente, por meio da escrita da História” (Mello, 2022, p.20). A partir da ideia de guardar registros, a humanidade criou e aperfeiçoou métodos para tratar as fontes e cuidar do que foi registrado para as futuras gerações, portanto, foi a vontade de deixar a história registrada que fez com que os primeiros historiadores começassem a escrever histórias. É importante mencionar que as fontes constituem parte fundamental para que o historiador possa realizar este trabalho, servindo como base para a investigação do passado humano, sendo assim, passamos às fontes encontradas no arquivo escolar.

Ao verificar o arquivo escolar da escola Santa Cruz, percebi que todas as fontes, sejam elas fotográficas, materiais ou documentais se encontravam em caixas ou em depósitos e

embora se encontrem em boas condições de armazenamento e conservação, elas necessitam ser organizadas e separadas para exposição e atividades. Verifiquei que havia inúmeras possibilidades de se trabalhar com este material e que as atividades propostas – as quais serão descritas aqui – certamente seriam apenas o início de um trabalho bastante longo.

No Quadro 1, a seguir, apresento algumas das fontes mais encontradas no arquivo juntamente com os dados referentes a sua conservação.

Quadro 1 - Tipos de fontes e seu estado de conservação

TIPO DE FONTE	NOME DO OBJETO	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	CATALOGAÇÃO
Imagem	Fotografias	Bom estado de conservação e armazenamento, porém, necessita de higienização.	Sim () Não (x)
Material	Trompete	Em estado de conservação razoável, armazenado adequadamente, não necessita de higienização.	Sim () Não (x)
Material	Sineta	Bom estado de conservação, armazenado adequadamente, é higienizado constantemente.	Sim () Não (x)
Documentos Textuais	Documentos e Plantas do Prédio	Bom estado de conservação e armazenamento, mas precisa de higienização.	Sim () Não (x)

Fonte: O autor (2023)

A maior parte do acervo é constituída por imagens, e é possível perceber que desde o início do funcionamento da escola os profissionais envolvidos tiveram a preocupação de registrar através de fotografias as cenas do cotidiano, as atividades curriculares e extracurriculares desempenhadas pelos alunos, bem como os momentos em que a comunidade esteve dentro da escola. Essas fotografias compõem um rico acervo de imagens das seis décadas de atuação, sendo o tipo de fonte que será mais recorrida durante as atividades e as exposições que serão realizadas para a comunidade escolar.

Entre os anos de 1973 e 1974 foi realizada a construção do prédio onde atualmente a escola se encontra, e no arquivo podemos encontrar todos os tipos de documentos, contratos e notas fiscais da época da construção, esses documentos estão em excelente estado de conservação podendo ser muito úteis à pesquisa e atividades posteriores.

Como parte dos recursos destinados para a construção do prédio vieram da Alemanha, existem muitos documentos escritos em alemão que se forem traduzidos podem nos ajudar a compreender melhor como se deu o processo de construção do prédio.

No depósito da escola pude verificar a presença de alguns poucos itens materiais relacionados ao passado da instituição como a sineta utilizada por muitos anos para sinalizar aos alunos o início e o término das aulas e um trompete da antiga banda marcial que se apresentava nos atos cívicos, a maioria dos itens encontrados foram fotografias e documentos.

Através de algumas fotografias pude verificar como eram os antigos uniformes da escola, embora não exista mais nenhum uniforme original guardado podemos confeccionar réplicas que serão expostas e utilizadas posteriormente em atividades com os alunos. Abaixo alguns exemplos de imagens e itens encontrados no arquivo escolar.

Figura 10 - Alunos da primeira turma depois da Fundação 1961



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Figura 11 - Trompete da antiga banda marcial



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Figura 12 - Inauguração do Prédio Atual - 1974



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Figura 13 - Terreno antes da construção - 1973



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Figura 14 - Prédio da Escola - década de 1980



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Figura 15 - Imagem de Desfile 7 de Setembro, uniforme antigo



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Os desfiles cívicos de 7 de setembro ainda são muito tradicionais e contam com a participação de todas as escolas do município, porém, atualmente a escola Santa Cruz não possui mais a fanfarra escolar, sendo que todos os instrumentos que estavam em boas condições foram doados para outro colégio.

Em minha coleção particular tenho alguns jornais antigos que pretendo doar ao museu da escola, nesses jornais podemos encontrar palestras realizadas com os alunos, feiras de ciências, propagandas das festas juninas organizadas pelos diretores e funcionários, que, diga-se de passagem, são muito tradicionais em nosso município, entre outras notícias relacionadas à escola.

Todo este acervo pertence à Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF) da escola, e foi recebido através de doação do IVASC (Instituto Vocacional e Assistencial Santa Cruz) órgão mantenedor do prédio e mobiliário da escola e foi gentilmente disponibilizado pela diretora Elaine Maria Lange Kopper, quem desde o início da pesquisa identificou-se com a ideia de trabalhar com a história da instituição e que sempre se mostrou solícita e empenhada em ajudar no desenvolvimento e na execução das propostas, promovendo assim um importante acesso aos recursos necessários à realização deste trabalho.

A proposta de ensino patrimonial a partir da construção de um museu escolar requer alguns cuidados conceituais e metodológicos e necessita de ferramentas para atender as metas estabelecidas. Nesse sentido, é importante considerar a Museologia como um aliado importante para tal trabalho:

A museologia se lança em três frentes para suscitar essas discussões e se tornar um palco para formas de resistência cultural existentes: dentro do campo científico ao dialogar com outras disciplinas para a construção de um corpus teórico que atenda às demandas e preencha as lacunas deixadas por uma historicização dos fatos sem um viés decolonial; a aproximação com as comunidades e suas múltiplas formas de identidades e culturas, que podem e devem se inserir no processo de concepção de práticas museológicas mais acessíveis, inclusivas e diversas; por fim, a multiplicidade de narrativas, que contemplem as particularidades de sua sociedade, sua cultura, memória e formação, tornando-se um fio condutor para as discussões realizadas por professores e seus grupos escolares, mas também pelos mediadores e os visitantes. (Mello; Jesus, 2021, p.21)

Embora muitas vezes os processos de patrimonialização e musealização sejam muito próximos, possuindo muitas semelhanças, deve-se destacar que ambos possuem particularidades e perspectivas diversas. Assim, temos a patrimonialização partindo do princípio de proteger um objeto, lugar, tradição, etc., enquanto a musealização objetiva na

maioria das vezes em retirar o objeto de seu contexto e/ou função original para fazer a sua exposição e a partir daí contar sua história, conferindo a ele um contexto semióforo e museal:

A patrimonialização é também entendida como um ‘princípio que repousa essencialmente sobre a ideia de preservação de um objeto ou de um lugar, mas que não se aplica ao conjunto do processo museológico’, por outro lado, a musealização é considerada uma operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal, isto é, transformando-a em musealium ou musealia, em um ‘objeto de museu’ que se integre no campo museal. (Desvallees; Mairesse, 2013, p. 57 *apud* Mello, 2023, p.89)

É importante lembrarmos sempre que nem tudo o que passou por um processo de tombamento é ou foi musealizado, assim como nem tudo o que é musealizado foi tombado, assim temos diferenças significativas que devem ser levadas em conta já que este trabalho recorre a ambas as perspectivas em diversas ocasiões:

Por isso, deve-se ter a compreensão de que nem tudo que é patrimonializado é musealizado e nem tudo o que é musealizado é patrimonializado. Como exemplo disso, basta atentarmos para a expressão “museu a céu aberto” usualmente proferida em centros históricos cujas edificações podem ter passado pelo processo de tombamento, ou seja, de registro oficial como patrimônio cultural chancelado por um órgão regulamentador e não possuir um processo de musealização (circuito informativo orientado pela cadeia operatória da Museologia). (Mello, 2023, p.90)

Parte considerável deste trabalho está estruturada sob a perspectiva de musealizar objetos e imagens ligados à história da escola Santa Cruz. Devido a aspectos externos como a reestruturação que está sendo realizada na escola para o atendimento na modalidade educação em tempo integral, algo que requer muita atenção e dificulta o planejamento - visto que não se sabe ao certo até este momento se haverá salas ou mobiliário disponível para a execução ou implantação de um museu fixo - e também ao curto espaço de tempo até a finalização deste trabalho, optamos neste momento apenas pelo planejamento das ações e estratégias que serão executadas posteriormente para a exposição do museu escolar, ficando para este momento apenas a exposição virtual e as atividades realizadas com os estudantes.

Apesar de haver obstáculos que dificultam a concretização do museu físico neste momento é importante destacar que sua implementação é viável e recebe amplo apoio da direção e equipe pedagógica para a efetivação da proposta, sendo assim, as ações que serão propostas e posteriormente revisadas através de parcerias servirão de aporte para a

implementação do museu físico. Cabe destacar que ao final do texto apresento um projeto de criação do Meu da escola Santa Cruz.

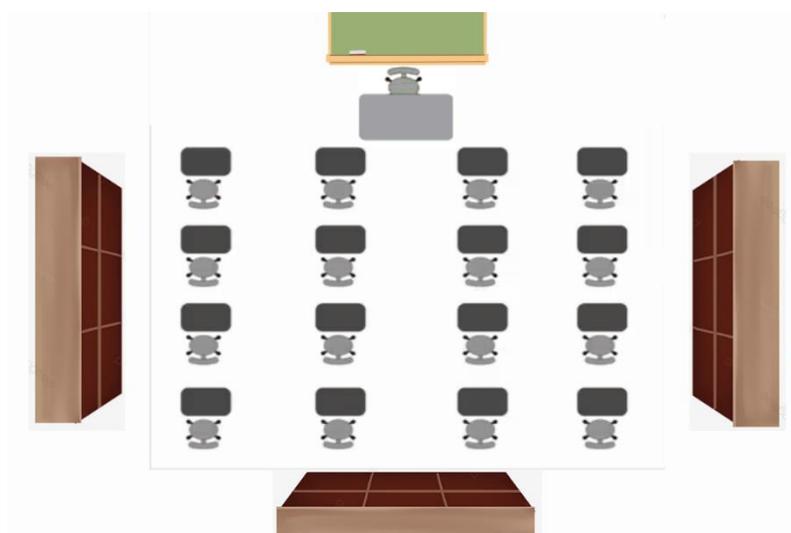
2.4 PLANEJAMENTO E POSSIBILIDADES PARA O MUSEU FÍSICO

Baseado nas dificuldades encontradas e anteriormente mencionadas, a execução do museu físico começará a ser implementada a partir do decorrer do ano de 2024, sendo assim, o que será apresentado a seguir é um planejamento de ações que servirá futuramente como embasamento teórico e aporte para a implementação. Inicialmente, é necessário destacar que por não possuir formação na área de museologia é imprescindível que antes de ocorrer a concretização do planejamento há a necessidade de uma parceria com um museólogo para a revisão e efetivação da proposta.

Outra questão já outrora citada como uma dificuldade que deve ser destacada é a necessidade de espaço físico que está ligada ao momento de transição da escola. Curiosamente, a mudança para a modalidade de ensino integral também traz algumas opções muito interessantes que, caso ocorram, poderão ser ótimas para viabilizar a continuidade do processo.

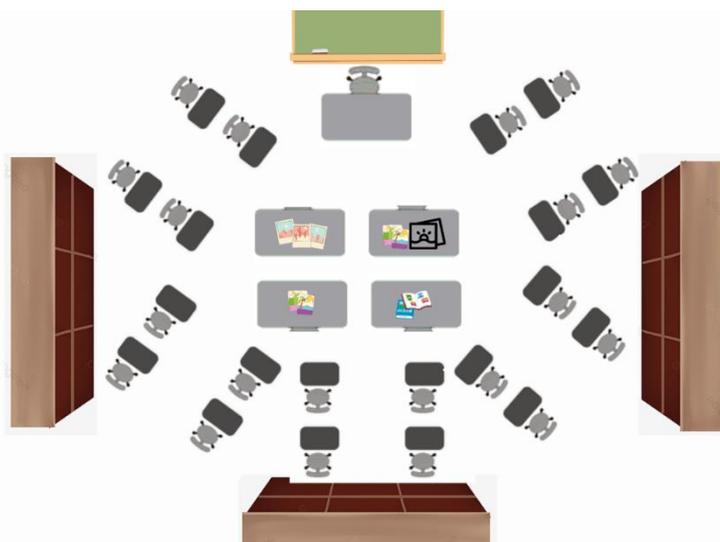
A primeira delas é a possibilidade de se trabalhar com salas temáticas, a ideia ainda está em processo de análise por parte da direção da escola que se mostra muito favorável à sua implementação, assim a sala de História poderia passar a abrigar permanentemente todos os itens para que fiquem expostos e sejam visitados nas datas comemorativas da escola onde houver a participação das famílias.

Figura 16 - Sugestão de formato para sala temática com museu



Fonte: O autor (2023)

Figura 17 - Sugestão de formato para sala temática com Museu 2



Fonte: O autor (2023)

Existem muitos aspectos que devem ser considerados ao planejar e organizar uma exposição museal, assim, é imprescindível que algumas discussões a respeito de conceitos como expografia e expologia ocorram. Certamente haverá a necessidade de complementar os estudos sobre museologia para a continuação do trabalho, uma parceria com um profissional museólogo já está sendo estudada para o enriquecimento profissional da exposição.

Inicialmente vamos às conceituações. O conceito da expologia não se refere aos itens expostos em si, trata-se de elencar o que será exposto e de que forma, possibilitando reflexões sobre como a exposição será conduzida, como os itens serão apresentados e contextualizados, quais adequações serão necessárias para a acessibilidade e quais os resultados e interpretações se espera obter a partir da mesma.

Outro aspecto importante referente à expologia é a forma como o acervo será preservado, quais serão os seus possíveis riscos e danos. De acordo com Mello (2023, p.92):

Expologia é o estudo e planejamento da execução da exposição em si (o que é [conteúdo, conhecimento], como pensar [refletir, organizar ideias, proposições], o que usar [objetos, acervos, recursos], como cuidar do acervo musealizado [conservação, proteção de riscos e danos], como fazer [ambiente, materiais, ocupação], como comunicar [narrativas conectadas aos objetos, sistematização, contextos, diálogos], como prever seus impactos/recepção [reações do público, entendimento, feedback], como desenvolver atividades educativas [orientações, interpretações, conferir sentidos, promover debates]).

Em outras palavras, a expologia é o planejamento em si, toda teoria necessária ao processo de exposição, ela está presente em todas as partes, sendo que seus elementos são necessários para uma boa organização e preservação.

Na sequência desta discussão não podemos deixar de comentar sobre o significado da expografia, que é aquela que define a exposição, através dela é delineado como se dará a exposição, seus métodos, montagem, temática, cores, iluminação, etc. De acordo com Mello (2023), a expografia:

É permeada por design, elementos com identidade visual e temática, cores, materiais, iluminação, altura, expositores, mobilidade, equipamentos, som, composição, dentre outros. Sendo ainda regida por diretrizes de altura e acessibilidade das peças em exposição, identificação textual e imagética (legendas) e atenção às normas de segurança. (Mello, 2023, p.93).

Sendo assim, é possível verificar a importância de tal conceito e da sua metodologia, permitindo que seja efetuado um bom planejamento da exposição, antecipando possíveis desafios em sua montagem, bem como proporcionando uma apresentação adequada dos itens.

Agora que os conceitos e princípios metodológicos da Museologia foram apresentados, seguirei tratando sobre as possibilidades para o planejamento do museu físico. A primeira questão que sempre vem à mente ao pensar na exposição física é: “onde será exposto?”. Como ainda não é possível responder este questionamento deixo registradas as possibilidades mais prováveis.

A primeira é a disponibilização de uma sala exclusiva para o museu físico, a segunda já foi comentada anteriormente, trata-se de montar toda a exposição dentro da sala temática de história, em ambos os casos haverá a necessidade de contar com expositores, alguns deles já estão disponíveis na escola e podem ser reaproveitados de outras salas, outros deverão ser adquiridos. A disposição dos expositores será planejada a partir do momento em que o local da exposição for escolhido.

Em relação aos itens que serão apresentados nas exposições, é importante destacar que serão priorizados inicialmente aqueles que fizeram parte das atividades já realizadas com os estudantes, portanto, conforme novas atividades forem sendo apresentadas novos itens serão expostos. A partir daí serão criadas seções para organizar a exposição de acordo com os materiais disponibilizados, a junção entre a exposição física e a virtual ocorrerá sempre que for necessário através de Qr Codes.

Outra questão importante que não podemos deixar de mencionar é como estes arquivos serão preservados. Primeiramente, destaco que o prédio da escola possui um ótimo plano contra incêndios e acessibilidade, atualmente todos os arquivos estão armazenados em caixas de papelão em local seco e protegido, nem mesmo os eventos climáticos citados causaram prejuízos à integridade do acervo.

Atualmente não existe nenhum tipo de higienização do acervo e nem há relatos se algum dia houve tal preocupação visto que a preocupação da instituição sempre foi manter um arquivo sem pensar em sua exposição.

Até o início das exposições deverão ser discutidas formas de apresentar estes arquivos ou suas cópias de forma que os mesmos não sejam prejudicados pela ação do tempo. Todas as imagens que estão sendo utilizadas no museu virtual foram digitalizadas e estão armazenadas em ambiente virtual conhecido popularmente como nuvem, contribuindo assim como mais um dispositivo de segurança.

É importante destacar que não foi necessária a compra de nenhum serviço de armazenamento para abrigar os arquivos, visto que desde o ano de 2020 todas as escolas e os profissionais da rede estadual receberam um e-mail com o domínio @escola e acesso aos diversos serviços da empresa Google®, entre eles consta o serviço Google Drive para armazenamento, sendo assim, todas as atividades deste trabalho foram realizadas utilizando a conta de e-mail da instituição, podendo assim continuar sendo utilizada mesmo se houver trocas no quadro de funcionários.

Encerrada a apresentação do projeto de construção do museu físico, passarei a demonstrar na sequência os trabalhos que já foram iniciados e produziram significativos resultados como o “museu virtual da escola Santa Cruz”.

Até o momento as atividades realizadas contaram apenas com imagens do acervo, conforme outros itens como utensílios, uniformes antigos ou documentos forem sendo adicionados será necessária sua organização dentro da exposição e a colocação de legendas que facilitem a compreensão dos visitantes.

Dessa forma, enquanto não ocorre a implementação do museu fixo, a disponibilização do acervo levantado pelas atividades se dará de forma digital, através da criação de uma exposição virtual idealizada a partir da criação de um site utilizando a plataforma Google sites®, assim foi possível a criação um site para a escola com um espaço especial dedicado ao museu, desta forma quando as demandas acerca do museu físico forem resolvidas a comunidade contará com um museu escolar físico e virtual, a plataforma também abre possibilidades para interação virtual dentro do ambiente físico do museu.

No capítulo a seguir serão discutidas as atividades realizadas, bem como os elementos metodológicos necessários para sua execução, como a análise iconográfica e o uso do digital.

CAPÍTULO 3

ATIVIDADES DO MUSEU VIRTUAL

3.1 ANÁLISE METODOLÓGICA DA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS NAS ATIVIDADES E EXPOSIÇÕES DO MUSEU ESCOLAR VIRTUAL

A organização das exposições físicas ou virtuais que estão em desenvolvimento ocorre a partir das atividades realizadas com os estudantes. Conforme já mencionado em outros momentos, o tipo de fonte mais recorrida para as atividades e posteriormente exposição é, sem dúvida, o acervo de imagens, devido a sua enorme quantidade e variedade. Sendo assim, se faz de grande importância estabelecer algumas relações teóricas e metodológicas sobre tal utilização.

A utilização de imagens como fontes históricas, bem como ferramentas de auxílio pedagógico são de grande importância para professores e historiadores, conforme já demonstrado no final do capítulo anterior, associadas a outros tipos de fontes as imagens possuem grande potencial para entendermos os eventos históricos.

Como se trata de representações da realidade se faz necessário analisarmos o que está sendo representado na imagem, para assim fazermos sua leitura e assim conseguirmos compreendê-la. De acordo com Kossoy (2016), a análise iconográfica se inicia quando ocorre a coleta das informações sobre os elementos constitutivos como, por exemplo, o assunto ou o fotógrafo de uma imagem. Em seguida é realizada uma breve descrição de tudo o que pode ser analisado na imagem, relacionando com o período em que ela foi produzida. Em outras palavras, a análise iconográfica é uma etapa da leitura de imagem, na qual devemos

detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado. (Kossoy, 2014, p.109)

Dessa forma, percebemos que a análise iconográfica funciona apenas como uma apresentação daquilo que está sendo visto na imagem, no entanto, neste processo as informações sobre a imagem não são interpretadas, esta interpretação é de responsabilidade da iconologia. Assim, na sequência seguimos para a definição do conceito de iconologia.

Kossoy (2016) estabelece dois caminhos para a identificação de informações extraídas da fotografia. Um caminho é obter informações sobre tudo o que foi necessário para a

materialização documental, ou seja, seus elementos constitutivos (assunto, fotógrafo e tecnologia), lugar e época (situação espaço e tempo). A outra linha de análise consiste na recuperação de informações codificadas na imagem, para esta etapa é imprescindível uma minuciosa identificação dos detalhes que compõem o conteúdo.

O entendimento destes preceitos é importante para a compreensão de como ocorre uma análise iconográfica, mas ainda se faz necessário explorar metodologicamente o campo da interpretação iconológica, assim, Burke traz contribuições importantes sobre o conceito. Para ele, a iconologia busca a explicação dos contextos históricos e culturais das representações históricas, as imagens estão intimamente ligadas ao seu contexto cultural, desta forma se torna difícil compreender a imagem sem conhecer sua cultura. Para interpretar a mensagem de uma imagem é necessário ter familiaridade com seus códigos culturais (Burke, 2017, p. 59).

Ainda a respeito da interpretação iconológica, Kossoy complementa nossa discussão considerando que a fotografia é uma representação a partir do real. Portanto, a interpretação iconológica é carregada da cultura, ideologia e é resultado de uma visão de mundo de seu fotógrafo:

É o momento de lembrarmos que o documento fotográfico é uma representação a partir do real, uma representação onde se tem registrado um aspecto selecionado daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente. O chamado testemunho fotográfico, embora registre em seu conteúdo uma dada situação do real sempre se constitui numa elaboração, no resultado final de um processo criativo, de um modo de ver e compreender especial, de uma visão de mundo particular do fotógrafo; é ele que, na sua mediação, cria/constrói a representação. (Kossoy, 2016, p.57)

Dessa forma, Kossoy faz apontamentos indicando caminhos a se seguir para realização da leitura das imagens, o autor acrescenta que esta análise deve ser feita através de comparações com outros tipos de fontes e documentos que falem sobre o mesmo evento,

[...] O chamado testemunho fotográfico, embora registre em seu conteúdo uma dada situação do real - o referente - sempre se constitui numa elaboração, no resultado final de um processo criativo, de um mundo particular do fotógrafo. É ele que, na sua mediação, cria/constrói a representação. [...] Dois caminhos básicos temos sugerido para essa decifração:

- 1.resgatar, na medida do possível, a história própria do assunto, seja no momento em que foi registrado, seja independentemente da mesma representação.
- 2.buscar a desmontagem das condições de produção: o processo de criação que resultou na representação em estudo. (Kossoy, 2016, p.57-59)

Ao analisar outros pesquisadores é possível encontrar em Mauad (2004) algumas proximidades com Kossoy no tocante à subjetividade da análise e a comparação com outros documentos históricos, para isso a autora estabelece três pilares para a orientação do historiador quando ele necessita realizar uma análise de imagens.

A noção de série ou coleção. Evidencia-se, na produção contemporânea, como a fotografia para ser trabalhada de forma crítica, não pode ficar limitada a um simples exemplar. A noção de exemplo foi superada pela dinâmica da série, que estabelece contatos diferenciados com distintos suportes da cultura material. Dessa forma, a ideia de série extensa e homogênea foi tornada complexa pela noção de coleção. Esta rompe com a homogeneidade, demandando ao pesquisador uma metodologia que considere seu caráter polifônico, resultante do circuito social de produção, circulação e consumo das imagens. 2) O princípio da intertextualidade. Como corolário da primeira premissa depreende-se que uma fotografia, para ser interpretada como texto (suporte de relações sociais), demanda o conhecimento de outros textos que a precedem ou que com ela concorrem para a produção da textualidade da época. Sendo assim, o uso de fotografias como fonte histórica obriga tanto as instituições de guarda quanto os historiadores ao levantamento da cultura histórica, que institui os códigos de representação que homologam as imagens fotográficas no processo continuado de produção de sentido social. 3) O trabalho transdisciplinar. O resultado da revolução documental dos anos 1960 foi a transformação da consciência historiográfica, expressa na aproximação efetiva da história com as diferentes disciplinas das ciências sociais. Neste sentido, a compreensão da fotografia como uma mensagem significativa que se processa através do tempo, dialogando reiteradamente com os elementos da cultura material que a produz, demanda, por parte do historiador, um aparato teórico– metodológico que a crítica tradicional não habitava, obrigando-o ao desenvolvimento de novos questionamentos e procedimentos em perfeita coordenação com os outros saberes. (Mauad, 2004, p.20)

Para finalizar a apresentação dos conceitos e da metodologia que fundamentam a análise e leitura de imagens é importante mencionar que nas perspectivas dos autores citados é imprescindível ir além do que a imagem mostra, mergulhando em seus significados e aspectos ocultos, ou no circuito social da imagem.

Como já fora comentado anteriormente, a utilização de imagens no ensino de História possui significativa relevância, porém, o uso pedagógico das imagens requer que o professor tenha alguns cuidados, desde a seleção iconográfica até a sensibilidade na hora de analisar as leituras diferenciadas demonstradas pelos estudantes.

Outro ponto importante deve-se ao fato de as fotografias não terem o poder de auto explicação sem a presença de uma legenda ou de serem inseridas em um contexto, daí a importância do professor tomar precauções na preparação das aulas e atividades. Ao final deste capítulo será apresentada a discussão metodológica sobre a utilização das imagens nas aulas de

história e nas atividades ligadas ao museu escolar, algumas estratégias que já foram utilizadas e outras que ajudarão a enriquecer as próximas atividades ligadas à fotografia.

3.2 A CONTRIBUIÇÃO DO DIGITAL PARA O MUSEU ESCOLAR

Atualmente, as plataformas e o meio virtual estão no cotidiano de muitas pessoas. Devemos considerar que para estas a maior parte das informações desejadas estão a apenas um clique de distância, embora questionável conforme veremos a seguir, convivemos com uma geração de alunos considerados “nativos digitais” que de acordo com Prensky (2001), são indivíduos que nasceram mergulhados em uma cultura digital e, por isso, muito naturalmente, dominam essa linguagem.

Essa terminologia nos é significativa, embora Leal (2016) questione que ao criar o termo “nativo digital” Prensky delimita as pessoas nascidas a partir dos anos 1980 como pertencentes a este fenômeno, porém ele leva em conta apenas a realidade tecnológica dos Estados Unidos, sendo que em países como o Brasil o uso de computadores e da rede de internet só começou a se tornar popular anos mais tarde:

Esse desnivelamento nos faz perceber que aquilo que era para ser visto como uma unidade definida pela data de nascimento (geração), também é fortemente delimitado pelo local e pelas condições de nascimento. Em outras palavras, nem todos que nascem a partir dos anos 1980 podem ser genericamente vistos como ‘nativo digitais’. (Leal, 2016, p.39)

Sendo assim, é possível vislumbrar um cenário onde o mundo virtual pode ser utilizado como um aliado do ensino da História, da formação cidadã e do acesso democrático aos espaços museais como veremos a seguir. Todavia, essa busca não deve se dar de maneira ingênua. De acordo com Câmara e Benício (2017, p.38):

A sociedade em rede sempre andou lado a lado com a promessa, ainda não inteiramente concretizada, de uma drástica democratização da informação com vistas ao exercício pleno da cidadania. Tratar-se-ia de dar acesso irrestrito a um número ilimitado de dados, e a noção de uma história digital certamente se insere no contexto dessa promessa, uma vez que visa à produção do conhecimento em rede.

A internet pode auxiliar na superação das barreiras físicas e tem um gigantesco potencial para a obtenção e produção das fontes mais diversas, bem como a divulgação e produção de

textos e artigos sem ficar restrita a relação leitor e escritor, sendo ainda possível a produção colaborativa. Para Cohen e Rosenzweig (2005, p.2):

Ao menos potencialmente, as mídias digitais transformam a tradicional relação de mão única entre leitor/escritor, produtor/consumidor. Historiadores públicos têm buscado formas de ‘compartilhar autoridade’ com seu público; a web oferece um meio ideal para este compartilhamento e colaboração.

Corroborando a ideia destes autores que trazem grandes contribuições para a História Pública e digital, Lucchesi e Leal (2016, p. 154) destacam: “Não acreditamos na redenção da História por meio das tecnologias”, assim como também não é o objetivo deste trabalho tratar a internet ou a tentativa de usá-la para construir ou ensinar a história como redenção ou “solucionismo tecnológico”, nem tampouco achar que o simples uso da tecnologia consiste em uma metodologia que não requer ou que dispensa o papel do professor.

Em outras palavras, é importante que se utilize de todas as formas metodológicas promovendo sua diversificação, desta forma o meio digital aparece como um aliado indispensável, assim devemos promovê-lo cada vez mais no meio escolar. Nesse sentido, vale destacar que se utilizarmos a internet como simples repositório de informações estaremos apenas modificando a origem das referências que antes vinham dos livros e assim passariam a vir das plataformas digitais.

Retomando a ideia anterior referente a um tipo de produção colaborativa, o uso do site da escola para o espaço museal também tem potencialidade para que tanto os estudantes como a comunidade contribuam com o projeto à medida que vão enriquecendo a exposição com variados objetos ou imagens de seu acervo familiar que estão ligados à história da escola. Assim, é possível associar o uso do site à produção colaborativa, visto que ela ocorre dentro e fora da instituição, em torno da produção histórica; e à comunicação das iniciativas e de tudo o que foi produzido e a interação entre os visitantes do museu virtual e a parte do conteúdo que permite esta ação, como linhas do tempo e as imagens históricas.

Sendo assim, é importante que seja dito que o objetivo não é o de utilizar apenas o meio digital e sim contar com uma diversificação nas ferramentas e metodologias usadas nas atividades:

É preciso entender que a tecnologia, em si mesma, não é mais do que um recurso em potencial. O que a torna importante no processo de aprendizagem é a intencionalidade do professor, a clareza metodológica acerca de sua funcionalidade, os objetivos de aprendizagem que orientam seu uso na proposta histórica e pedagógica em curso num dado contexto escolar. (Caimi, 2014, p.175)

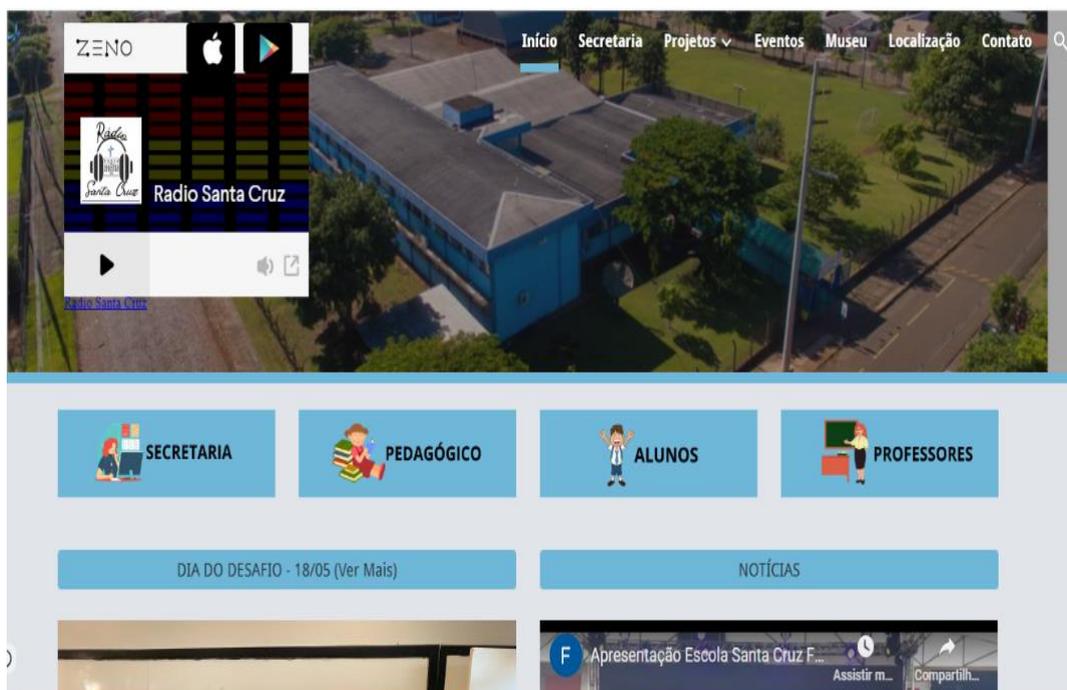
O uso do meio digital abre muitas portas. Para além do que já foi citado referente à produção e ao compartilhamento de textos e fontes é importante citar o potencial de museus virtuais que permitem um acesso um tanto mais democrático que os museus físicos e que são parte importante deste trabalho. Atualmente podemos perceber que os museus virtuais são muito eficientes na quebra das barreiras físicas, permitindo que as pessoas afastadas dos grandes centros possam conhecer espaços museais:

Diferentemente do museu presencial, o museu virtual online é democrático e acessível a qualquer hora do dia, da noite e da madrugada. É acessível aos portadores de deficiências físicas como os cadeirantes que de casa e sem preocupar-se com a instalação de rampas podem entrar em contato com aquelas informações visuais disponibilizadas. (Mello, 2013, p.10)

Ainda de acordo com Mello (2013), o avanço das tecnologias de informação permite que a cultura material e imaterial encontre uma nova linguagem para comunicar sua historicidade, sua identidade e seu valor de bem patrimonial.

Como a construção e a manutenção de um site não estava ligada à minha pesquisa após deixar o site funcionando entreguei para a direção da escola administrar seu funcionamento, sendo que a área do museu virtual segue sendo minha responsabilidade. Abaixo temos um exemplo do funcionamento do site.

Figura 18 - Página inicial do site da Escola



Fonte: Site da Escola

Disponível em: <https://sites.google.com/escola.pr.gov.br/santa-cruz>

Figura 19 - Seção destinada ao museu virtual



Fonte: Site da Escola

Disponível em: <https://sites.google.com/escola.pr.gov.br/santa-cruz>

Já na primeira atividade feita com os alunos (descrita no próximo tópico), pude verificar o quanto a proposta do museu virtual foi exitosa. As imagens utilizadas para a trabalhar com o 6º Ano foram adicionadas ao site, as chamadas imagens históricas que podem ser acessadas tanto de forma totalmente virtual pelo site da escola quanto de forma local pelos Qr Codes colocados em pontos específicos do prédio.

Logo após a realização da atividade os acessos ao site aumentaram significativamente, embora não haja um contador de visitas foi possível perceber o interesse através dos compartilhamentos nos grupos e redes sociais das pessoas de vários lugares que estavam acessando-o para ver as fotos, o alcance delas foi muito maior do que um museu físico poderia alcançar em tão pouco tempo.

A seguir, temos alguns exemplos do acesso às imagens históricas.

Figura 20 - Imagens históricas acessadas a partir do site

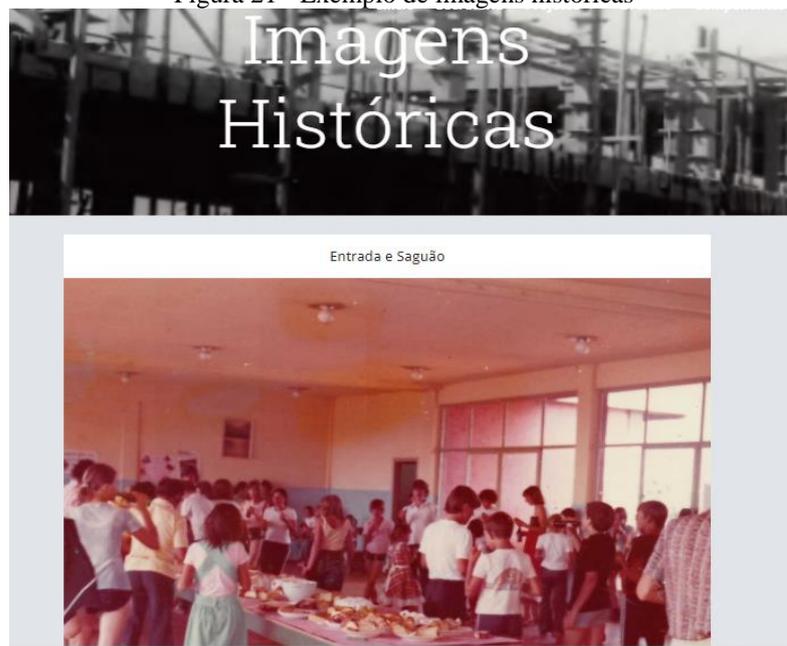


Fonte: Site da Escola

Disponível em <https://sites.google.com/escola.pr.gov.br/santa-cruz/museu>

Abaixo um exemplo das imagens históricas acessadas do link localizado no saguão de entrada da escola, várias imagens de épocas diferentes ficam sendo apresentadas com intervalo de alguns segundos.

Figura 21 - Exemplo de imagens históricas



Fonte: Site da Escola

Disponível em: <https://sites.google.com/escola.pr.gov.br/santa-cruz/museu>

As mesmas imagens disponíveis aos “olhos” podem ser acessadas de forma local pelas pessoas que estiverem visitando a escola pelos Qr Codes como na imagem abaixo, para a atividade o código foi impresso em uma folha A4, porém como o link ficará disponível para a comunidade a direção da escola disponibilizará placas novas com melhor qualidade e acabamento.

Figura 22 - Qr Code disponibilizado na entrada da Escola



Fonte: O autor (2023)

Dessa forma, a atividade em questão exemplifica a proposta de trabalho, os estudantes são mobilizados, realizam atividades práticas, aprendem sobre o patrimônio local, criam gosto por ele e ao final tudo, aquilo que foi utilizado não é recolhido e guardado em uma gaveta, ao contrário, fica disponível para toda a comunidade. O site criado também abriu outras possibilidades, através dele foi possível criar uma web rádio que já está em funcionamento.

No início havia a ideia de que a rádio poderia ser utilizada em uma das atividades, algo que foi temporariamente “deixada de lado”, com a criação de um componente eletivo de comunicação⁶ houve o reavivamento da ideia, portanto, esta atividade deverá ser desenvolvida após a conclusão deste trabalho⁷.

No momento a rádio está reproduzindo algumas músicas e apresentação de entrevistas feitas pelos alunos e pode ser acessada tanto por meio de aplicativo quanto pelo site da escola como na imagem abaixo:

⁶ Os componentes curriculares eletivos compõem a parte flexível do currículo do ensino integral no estado do Paraná, podendo ser adequados pela escola para atender determinada especificidade local. São denominados eletivos por proporcionar ao estudante a possibilidade de escolher entre várias propostas aquela que mais lhe agrada.

⁷ No Capítulo 3 será apresentada a ideia para a atividade que envolve a rádio.

Figura 23 - Rádio Santa Cruz



Fonte: Site da Escola

Disponível em: <https://sites.google.com/escola.pr.gov.br/santa-cruz>

A possibilidade de se contar com uma web rádio foi muito bem recebida pela direção da escola e pelos estudantes, tão logo surgiu a ideia foram pensadas inúmeras possíveis utilizações e formas de aproveitá-la como ferramenta pedagógica. Porém, foi no segundo semestre de 2023 que a ideia teve maior impulso, com a confirmação de que a escola passa a atender na modalidade integral a partir de 2024 a rádio passou a ser tratada pela direção como uma das principais ideias para formar um componente curricular eletivo.

Até a conclusão deste trabalho a rádio entrou em funcionamento de forma ainda restrita, contando com poucos e curtos programas. Mas no decorrer do ano letivo de 2024 ela contará com sua expansão e melhorias. A programação já em andamento conta com jornalismo, equipe esportiva, saúde e bem-estar e um programa destinado a apresentações musicais, tudo é desenvolvido, gravado e editado pelos estudantes em duas aulas semanais e ao final sua divulgação acontece através da plataforma Zeno Rádio® que é um serviço de streaming próprio para web rádios.

Desta forma, uma ideia que inicialmente tinha o propósito de servir como apoio para uma atividade passou a ser articulada como uma disciplina, dando apoio para diversas outras atividades e componentes curriculares da escola. Na sequência serão apresentadas as atividades pensadas para todas as séries do ensino fundamental II, e seus primeiros resultados⁸.

⁸ É importante mencionar que as práticas que ainda não foram desenvolvidas foram aqui descritas para demonstrar as possibilidades e inspirar os leitores com ideias que podem ser úteis em seus cotidianos.

Assim, partindo das análises realizadas no capítulo anterior, passo agora para a especificação das atividades desenvolvidas com os estudantes, sendo elas de dimensão prática, que trabalham os conceitos de patrimônio, identidade e História local. Em cada turma do Ensino Fundamental II estão sendo realizadas uma ou mais atividades, relacionando assim o patrimônio local aos conteúdos curriculares.

Algumas destas atividades serão descritas a seguir foram ou serão implementadas ainda neste ano, as demais serão planejadas e organizadas a fim de que estejam prontas para serem utilizadas a qualquer momento.

Diferentemente de outros componentes curriculares como Ciências ou Geografia que são um tanto mais experimentais e podem ser realizadas várias atividades práticas, as aulas de História contam com possibilidades práticas limitadas, e mesmo quando ocorrem atividades como visitas aos museus, existe certa limitação em relação ao toque, a proximidade e a interação com os objetos.

Pereira comenta em *A escola vai ao museu*: “Na avaliação da atividade, um dos alunos indicou como ponto negativo o fato de que eles não puderam tocar os objetos” (Pereira, 2007, p. 35). Muitas vezes as visitas aos museus ou as práticas sobre a educação patrimonial resumem-se à simples transmissão de informações sobre objetos, como nos casos de visitas museais onde o estudante é guiado por um funcionário do museu e ao término da visita não pôde em nenhum momento interagir com as fontes históricas:

O mal reside em transformar a informação de dados, fatos e acontecimentos do passado na única finalidade dos museus, como se bastasse a sua transmissão aos alunos e demais públicos para que o papel educativo tivesse sido plenamente realizado. (Pereira, 2007, p. 36)

Sendo assim, o objetivo das propostas aqui descritas contraria essa lógica de limitação da interação dos estudantes com as fontes históricas, propondo que este contato ocorra de forma interativa e lúdica, vinculado ao conteúdo das respectivas séries e com elementos que tornem a interação prazerosa: a informação é muitas vezes a ponte, mas não o ponto de chegada, pelo menos não o ponto principal. Ela é meio para se chegar à reflexão necessária (nem sempre exercitada) (Pereira, 2007, p. 36).

As exposições museais do acervo escolar ganham força à medida que muitos pais de alunos estudaram na escola, conforme mencionado em diversas ocasiões a instituição tem uma trajetória bastante longa com variações em seu público.

Nos anos iniciais o objetivo era a alfabetização das crianças que chegavam com as levadas de imigrantes vindas dos estados Rio Grande do Sul e Santa Catarina, merece um destaque o fato de que embora o ensino ocorresse na igreja luterana o mesmo não era restrito ao público desta religião e após receber o registro como escola isolada o objetivo era atender as necessidades da comunidade.

Nas décadas seguintes houve outras mudanças de perfil discente, entre as décadas de 1970 e 1980 durante a vigência do modelo de ensino tecnicista no Brasil, implementado pelo regime militar a escola passou a contar com ensino de modalidade técnica, com oficinas de costura e marcenaria, modificando assim seu público com a educação voltada para o trabalho.

Posteriormente entre as décadas de 1990 a 2010 ocorreu nova alteração nas características, após o final da oferta de ensino técnico houve certa elitização da escola através de uma parceria com a rede Positivo. A partir de 2010 iniciou uma nova mudança que está em curso até os dias atuais, o forte crescimento do bairro está trazendo o aumento de porte e uma nova diversificação no público, para usar como exemplo em 2010 a escola contava com 163 alunos matriculados, em 2023 a mesma chegou a contar com 240 estudantes.

Este forte crescimento é causado em virtude da extinção de pequenas chácaras que faziam fronteira com a região e da criação de loteamentos, tornando o bairro Santa Cruz o local preferido de famílias jovens com filhos em idade escolar, esta impulsão nos números está alterando gradativamente a característica da escola, fazendo com que aos poucos seu público principal seja o dos moradores das proximidades.

O museu virtual, como já descrito, encontra-se em funcionamento, nele existe uma galeria de imagens históricas que são resultados da primeira atividade que será descrita adiante, para isso foi necessária uma pesquisa no arquivo de imagens, a separação e digitalização das fotografias escolhidas, bem como a organização da postagem que seria feita no site, organizando o espaço e criando Qr codes para seu acesso.

Na discussão anterior destaquei alguns conceitos teóricos e metodológicos referentes à análise iconográfica, bem como a sua importância como ferramenta pedagógica nas aulas de História, na sequência apresento um breve estudo voltado à dimensão prática de como utilizar imagens nas aulas de história e nas atividades do museu escolar⁹.

⁹ É importante fazer uma breve ressalva de que alguns estudos metodológicos de leitura de imagens ocorreram após a implementação da prática com fotografia que contou com a participação da turma de sexto ano, sendo assim, alguns recursos serão utilizados nas atividades dos anos seguintes contribuindo para sua significativa melhoria e enriquecimento.

3.3 ATIVIDADE DESENVOLVIDA PARA O MUSEU VIRTUAL

3.3.1 As mudanças e permanências a partir das fotografias - 6º Ano

Primeiramente, ao planejarmos atividades que utilizam fotografias para as aulas de História nos deparamos com algumas barreiras, a primeira delas é a escolha das imagens, e é importante mencionar que os estudantes não possuem previamente uma instrução básica necessária para realizar a análise iconológica, em outras palavras, eles não são mini historiadores. Logicamente, todas as pessoas que observam uma fotografia têm condições de dizer o que está vendo nela, assim temos um ponto de partida, o professor deve então realizar a instrução para que seus alunos entendam seu contexto histórico.

A seleção de imagens deve sempre levar em conta a clareza das informações contidas e a faixa etária de cada turma onde as atividades forem desenvolvidas, visto que a complexidade no desenvolvimento da atividade pode causar situações em que ocorra o desestímulo dos estudantes. Desta forma o resultado seria o oposto do esperado, transformando uma atividade lúdica, prazerosa e enriquecedora em fracasso e desagrado.

É preciso cuidado para que os documentos forneçam informações claras, de acordo com os conceitos explorados, e não tornem difícil a compreensão das informações. A má seleção deles compromete os objetivos iniciais propostos no plano de aula, ao passo que sua complexidade e extensão podem criar uma rejeição pelo tema ou pelo próprio tipo de material. (Bittencourt, 2018, p. 267-268)

Feitas essas considerações partimos para a metodologia de análise iconográfica em sala de aula. Para tanto considerei de grande importância o fato de ligar as imagens trabalhadas com o contexto a ser estudado, assim é fundamental fazer algumas abordagens prévias dos conteúdos antes de partir para a análise imagética.

Na sequência, ao iniciar o estudo sobre as fotografias, o professor deve orientar os estudantes no processo de observá-la em seus elementos, tentando direcioná-los a fim de que possam extrair o máximo de detalhes e informações.

É importante incentivar nos alunos uma observação atenta das imagens para que percebam aspectos como a disposição dos elementos no espaço, a composição da cena, a construção do discurso imagético, buscando, assim, educá-los para a análise e o trabalho com esse tipo de material. [...] Primeiro, o aluno deve fazer uma descrição da cena, de cada uma de suas partes, desde os elementos retratados até o tema abordado. Depois, deve formular

perguntas, hipóteses e interpretações, procurando associar as imagens ao tema estudado no capítulo. (Santiago; Cerqueira; Pontes, 2016, p.296)

Ao tomar como exemplo a atividade desenvolvida com a turma de sexto ano, que será descrita a seguir, houve primeiramente uma apresentação introdutória de conceitos teóricos necessários para o entendimento dela, em seguida a explicação de elementos metodológicos e dos encaminhamentos e objetivos da atividade.

A metodologia adotada foi a da realização de uma análise comparativa entre as imagens históricas e a escola na atualidade. Percebe-se assim que neste processo existiu uma análise iconográfica, onde o professor orientou seus alunos sobre a atividade e sobre como observar as fotografias, para que os alunos estivessem atentos a tudo que estivesse presente na cena, podendo fazer a sua leitura.

A análise iconográfica tem o intuito de trabalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado. (Kossov, 2014, p.109)

Ainda com relação à comparação realizada entre as imagens históricas e a escola na atualidade, ponto central da atividade produzida, é importante destacar que a mesma deve ser enriquecida nas próximas ocasiões em que ocorrer, sendo assim, deverá receber o incremento de novas análises como características naturais e dos estudantes de outras épocas (a seguir serão descritas as atividades que estão sendo planejadas para o ensino fundamental II, bem como as que já foram implementadas).

Para encerrar este diálogo teórico/metodológico acerca da análise iconográfica deixarei registradas alguns possíveis recursos que podem ser utilizados nas atividades propostas. Para tanto é necessário dividir a análise em duas categorias: Elementos e Contextualização da Imagem.

Na categoria de elementos, é importante analisar o ponto de observação do fotógrafo (Frontal, oblíqua ou vertical), bem como a sua intencionalidade e os planos que a compõem.

Na contextualização da imagem considerar a apresentação de seu contexto, buscando elementos que possam indicar o momento histórico em que a fotografia foi produzida, quais elementos e informações sobre a escola estão indicados e por fim, quais as rupturas e permanências são possíveis de encontrar comparando a fotografia e os dias atuais.

Seguimos agora para a apresentação da atividade realizada com a turma de sexto ano que será apresentada em duas etapas, primeiro através da apresentação do plano de aula e em seguida a descrição de como a prática ocorreu.

Quadro 2 - Plano de aula para atividade Mudanças e Permanências a partir das fotografias

Série/Turma: 6º A
Duração da aula: 2 Aulas
Conteúdo: Aula 01 - "O tempo histórico: Rupturas e Permanências"
Habilidades: <ul style="list-style-type: none"> PR. EF06HI02. a. 6. 03 Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas, compreendendo fontes e documentos como patrimônio histórico material e imaterial como fonte de pesquisa e de conhecimento científico.
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> Compreender a concepção de memória, relacionando aos lugares de memória e analisando a memória individual e coletiva no âmbito local, regional e nacional.
Objetos de Conhecimento: <ul style="list-style-type: none"> Formas de registro da história e da produção do conhecimento histórico
Recursos Didáticos: <ul style="list-style-type: none"> Slides Quadro Branco Tv Educatron Aparelho Telefone Celular Qr Codes Impressos em Folha de Papel A4
Metodologia: <p>Após a apresentação e estudo dos referentes ao conteúdo sobre o tempo histórico, realizar um passeio pela escola com os estudantes passando pelos diversos pontos selecionados onde se encontram os Qr codes, ao abrir os links pelo aparelho celular o estudante poderá verificar e analisar imagens daquele local da escola em diferentes épocas de sua história. Após a análise cada grupo deverá anotar em seu caderno as mudanças e permanências observadas na prática, ao término das observações os grupos retornam para a sala de aula onde deverão escolher uma das imagens para apresentar suas percepções para os colegas.</p>
Referências: <p>BOULOS JUNIOR, Alfredo. História: sociedade e cidadania, 6º ano. São Paulo: FTD, 2018.</p>

Fonte: O autor (2023)

O conteúdo escolhido para a primeira atividade foi "O tempo histórico: Rupturas e Permanências". Após serem realizadas as primeiras aulas do 1º Trimestre do ano de 2023, quando foram estudados os conteúdos sobre Fontes Históricas, Tempo Histórico, Lugares de Memória e História e Memória, os estudantes tiveram o aporte teórico inicial para a realização da atividade prática.

O principal objetivo da atividade era o reconhecimento pelos estudantes da escola como um lugar de memória, e assim, através de registros de imagens antigas, realizar a análise e o reconhecimento das mudanças e permanências que ocorreram no local com o passar dos anos, para isso os alunos foram instruídos quanto a forma de analisar e registrar em seus cadernos.

A atividade foi realizada em duas aulas geminadas no dia 09 de março de 2023, nos dias que antecederam a aula prática executei o seu devido planejamento separando e digitalizando as fotografias que seriam utilizadas, dividindo as imagens históricas em categorias, os estudantes não participaram desta etapa de planejamento, em seguida ocorreu a criação das seções dentro do site da escola para cada categoria, são elas: Entrada e Saguão, Externas, Quadra de Esportes e Aéreas.

O critério escolhido para a seleção das fotografias foi que elas representassem o entorno e o interior do prédio da escola, assim as imagens de cada categoria foram adicionadas às seções do museu no site da instituição e os links foram transformados em Qr codes para que os alunos pudessem abri-los em seus celulares, portanto cada Qr code ficou exposto em uma região do pátio e as imagens que podem ser abertas fazem referência a aquela localização. Tanto os alunos quanto os visitantes que quiserem acessar as imagens terão a visão daquele local em diferentes épocas da história da escola.

Outra etapa do planejamento foi a da divisão dos grupos de alunos a fim de que estivessem aptos para realizar a atividade, que em todos eles teria pelo menos um aparelho celular com câmera e leitor de Qr code e que os estudantes conseguissem operá-los. Na véspera da aula realizei a impressão dos Qr codes e com a devida autorização da direção da escola fixei-os nos locais onde faríamos a observação no dia seguinte. É importante destacar que todo o planejamento da atividade foi realizado a partir de ideias que eu já vinha desenvolvendo e observações em relação à turma, sendo assim, podemos dizer que o planejamento em questão conta com metodologia própria.

Finalmente, no dia da atividade, antes de iniciá-la, realizei as últimas explicações e orientações, solicitando aos alunos que observassem e anotassem no caderno as mudanças e permanências que fossem notadas entre as imagens históricas e o local atualmente.

Em seguida, partimos para o “tour pela escola”, a primeira parada foi no local onde havia o link para as imagens aéreas, e como não poderíamos ver a escola de cima tomei a precaução de deixar uma imagem de vista aérea recente junto com as antigas, assim todos os grupos conseguiram abrir as imagens e fazer as anotações e então continuamos o passeio pela escola.

Figura 24 - Qr Code disponibilizado para imagens aéreas



Fonte: O autor (2023)

O código representado na imagem acima foi impresso de forma bastante simples e em uma folha de papel comum, em conversa com a direção da escola ficou combinado que posteriormente ele será substituído por uma pequena placa de material ainda a ser definido (possivelmente acrílico), que seja impermeável e resista às condições climáticas das áreas externas, sendo ainda adicionadas outras informações pertinentes e o logo da escola e o Qr Code adesivo, podendo ser substituído caso o link seja alterado.

Figura 25 - Vista aérea da Escola - ano 1985



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Figura 26 - Vista aérea da Escola - ano 2001



Fonte: Acervo da Escola (2023)

O próximo destino do nosso tour foi a quadra de esportes onde tínhamos outro link com imagens divididas entre o campo e a quadra. Novamente, outra parada para observações onde procuramos uma sombra para fazer as anotações e seguimos para o saguão, vale lembrar que nas áreas mais distantes do pátio da escola a leitura dos Qr codes só foi possível devido à excelente estrutura das redes de internet presentes na instituição.

Nesta fase da atividade já era possível observar pelas conversas nos grupos o quanto aquele momento estava sendo exitoso e que os estudantes estavam empolgados com a prática, naquele momento encontramos com a diretora que nos acompanhou no restante das etapas até a volta para a sala de aula.

Ao final da análise do saguão e da entrada comuniquei que o próximo Qr code seria o último, então fiquei surpreso com a reação dos estudantes manifestando que queriam mais! Certamente, quando a atividade for replicada nos anos seguintes, com outras turmas, haverá um aumento na quantidade de imagens, e maior diversificação na classificação e nos pontos de acesso que serão melhorados, também serão pensadas outras possíveis análises nas imagens, a fim de aprofundar a atividade.

Ao retornar para a sala de aula passei o link do site da escola aos alunos para que eles revissem todas as imagens e escolherem uma para ser apresentada. Nos minutos finais da aula cada grupo apresentou para a turma quais foram suas percepções sobre os locais observados destacando mudanças e permanências. Foi possível observar que a atividade propiciou um

ótimo resultado, visto que os estudantes demonstraram interesse e puderam aprender na prática, tornando a aprendizagem um ato prazeroso.

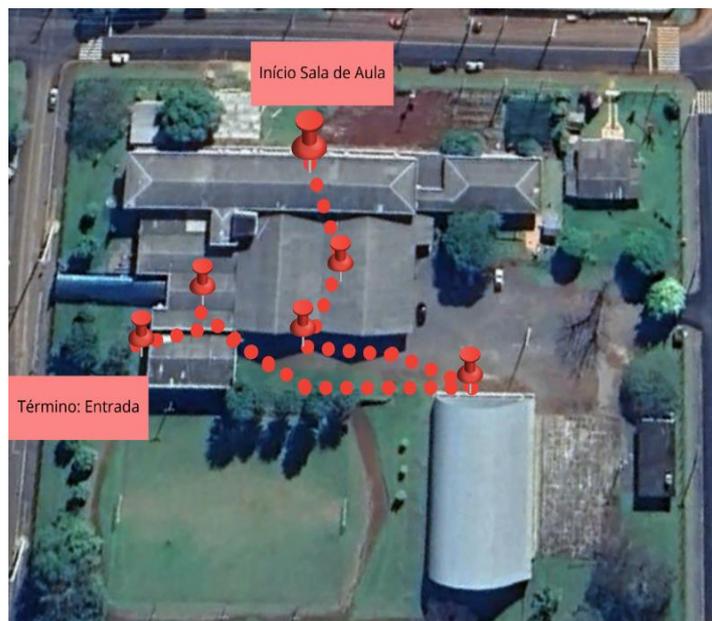
Figura 27 - Exemplo de imagem utilizada



Fonte: Acervo da Escola (2023)

A imagem acima é um exemplo de fotografia utilizada na atividade. Os estudantes observaram entre outras coisas o entorno da quadra de esportes, a arquibancada e a cobertura que existe atualmente.

Figura 28 - Mapa do percurso realizado pelos estudantes



Fonte: O autor (2023)

Ao final de todo o processo pude verificar os pontos positivos e analisar em quais locais seria pertinente fazer ajustes para melhorar a execução e a experiência dos estudantes. O legado da atividade para o patrimônio da escola foi a organização e a exposição permanente das imagens que poderão ser visualizadas tanto por quem for pessoalmente até a escola através dos Qr codes, como pelas pessoas em suas casas através da página do museu no site da escola.

Figura 29 - Tour pela Escola



Fonte: O autor (2023)

Figura 30 - Término da atividade em sala



Fonte: O autor (2023)

No Quadro 3, a seguir, apresento um panorama geral em relação a atividade descrita, ressaltando os objetivos iniciais elencados e quais foram os resultados alcançados.

Quadro 3 - Objetivos e resultados alcançados na atividade Mudanças e Permanências

OBJETIVOS	RESULTADOS ALCANÇADOS
APROXIMAÇÃO DOS ESTUDANTES COM O CONTEÚDO DIDÁTICO	A prática alcançou um ótimo resultado que pôde ser verificado através do empenho e da motivação dos estudantes ao realizarem as tarefas propostas com disposição, percebendo o significado e a aplicação prática dos conhecimentos.
UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIA DIFERENCIADA	A atividade foi exitosa na medida em que proporcionou uma aprendizagem lúdica e diferenciada, em oposição às práticas tradicionais de memorização.
VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO LOCAL	A história local serviu de base para a execução do estudo, valorizando a história próxima aos estudantes e a sua junção com os conteúdos curriculares.
LEGADO PARA AS EXPOSIÇÕES DO MUSEU DIGITAL	O resultado de todo o planejamento e da prática resultaram em imagens catalogadas e expostas que se encontram disponíveis para toda a comunidade escolar através do site da instituição e dos Qr Codes espalhados pela escola.
DIFICULDADES ENCONTRADAS	A falta de tempo hábil para todas as atividades pensadas, fazendo com que fosse necessário priorizar algumas práticas em detrimento de outras.
POSSÍVEIS MODIFICAÇÕES	Aprimoramento das atividades e construção do museu físico.

Fonte: O autor (2023)

É importante ressaltar que como este projeto de união entre educação patrimonial/museal e ensino curricular terá continuidade no decorrer dos próximos anos. Outras atividades estão em processo de planejamento para execução com as turmas, porém, serão apresentadas aqui apenas como um plano de atuação, falarei sobre cada uma na sequência, dividindo-as por turma do ensino fundamental II¹⁰.

Portanto, cada atividade desenvolvida com as turmas deixará um legado para a escola. A prática já desenvolvida para o estudo dos lugares de memória e das mudanças e permanências deixa o livre acesso presencial e virtual às imagens históricas expostas no site da escola para todas as pessoas interessadas.

Da mesma maneira, a segunda atividade ainda não implementada com o sexto ano, deixará a catalogação de fontes históricas de variados tipos para que sejam expostas de forma virtual com uma ficha catalográfica e posteriormente a mesma pode ocorrer de forma física assim que iniciem as visitas presenciais.

¹⁰ Para as turmas de sexto ano será ainda desenvolvida mais uma atividade prática utilizando o conteúdo sobre fontes históricas, no qual serão utilizadas fontes de variados tipos, com o objetivo de demonstrar a rica diversidade de fontes, além de possibilitar aos estudantes uma amostra de como é o ofício do historiador, proporcionando assim uma experiência memorável. Para a realização da atividade será oportunizado que os estudantes escolham alguns objetos previamente selecionados no arquivo da escola, em seguida eles farão uma pesquisa para estabelecer alguns dados sobre a fonte escolhida e preencher uma ficha que será apresentada aos colegas. Esta ficha deverá conter o nome do objeto, sua utilidade, qual tipo de fonte se refere (Imagem, documentos textuais, materiais, etc.), possível período de uso ou idade e o que mais possa ser descoberto através de pesquisa.

3.4 ATIVIDADES DO MUSEU VIRTUAL EM DESENVOLVIMENTO

A seguir será demonstrado uma breve descrição de atividades do museu virtual para as turmas de sétimo ao nono ano. As três atividades, iniciadas e em parte desenvolvidas junto com os alunos, compunham atividades do Museu virtual do Colégio Santa Cruz e não possuem prazo estipulado para sua concretização, visto que necessitam de complementos e tempo para a execução.

3.4.1 O Álbum Patrimonial - 7º Ano

A atividade que será proposta ao sétimo ano ainda se encontra em processo de planejamento e será implementada após o término deste trabalho. Especificamente, trata-se da criação de um álbum de figurinhas que tem como objetivo a aproximação dos estudantes com os mais variados itens e imagens que estão ou serão expostos.

O álbum será dividido em seções, e cada uma delas terá imagens de diferentes elementos do patrimônio escolar, como fotografias de diferentes épocas do prédio da escola; modelos de uniformes utilizados; logotipos; entre outros. Abaixo vemos um exemplo de uma página do álbum e de um modelo de figurinha que serão entregues aos estudantes.

Figura 31 - Exemplo de página do Álbum



Fonte: O autor (2023)

Figura 32 - Exemplo de figurinha do Álbum



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Cada estudante receberá uma ou mais figurinhas por semana, dependendo das atividades que forem propostas no período e a sua entrega será condicionada à realização das atividades dos conteúdos curriculares, desta forma, a prática terá longa duração, sendo finalizada próximo ao término do ano letivo, tanto o álbum quanto as figurinhas serão impressos em papel comum, minimizando os custos da atividade.

As figurinhas repetidas poderão ser trocadas entre os estudantes ocasionando a motivação e o engajamento entre eles, após a colagem os alunos deverão fazer pequenas pesquisas sobre os itens que estavam representados nas figuras anotando suas descobertas para posteriormente trocar informações com a turma. Abaixo alguns exemplos de imagens que serão utilizadas para a confecção do álbum de figurinhas, como o logo antigo, o atual e imagens do prédio em diferentes épocas.

Figura 33 - Logos da Escola



Fonte: Acervo da Escola (2023)

Figura 34 - Prédio da Escola em diferentes épocas



Fonte: Acervo da Escola (2023)

As imagens e os itens que serão reunidos e fotografados para a atividade têm enorme potencial para deixar vários itens separados e catalogados juntamente com a pesquisa realizada pelos estudantes e com isso ajudarão a compor o acervo do memorial, podendo ser apresentados à comunidade de forma física ou digital. A seguir ocorrerá a apresentação do plano de atividade para os oitavos anos.

3.4.2 O locutor da História - 8º Ano

A exemplo de outras turmas, para o oitavo ano também será apresentado um plano que servirá para execução futura, visto que não houve tempo hábil para o seu desenvolvimento durante esta pesquisa. Desde o início do planejamento das atividades foi pensado na criação de uma rádio escolar para dar suporte ao projeto para a turma, mas a complexidade que envolve a criação de uma rádio escolar acabou inviabilizando a proposta por algum tempo.

Contudo, após a aprovação da mudança da escola para o ensino integral esta situação sofreu uma reviravolta, pois a criação de um componente curricular eletivo de comunicação fará com que a criação da rádio ocorra e todos os outros componentes poderão utilizar este espaço.

Dessa forma, será possível viabilizar o programa radiofônico para a turma sem ter o ônus de arcar com a idealização e o processo de criação de uma rádio, algo que torna a proposta viável já a curto prazo, sendo possível a sua implementação durante o ano de 2024.

O conteúdo escolhido para a atividade foi “Emancipação Política do Paraná”. Nele, os estudantes deverão apresentar um programa de rádio onde contarão um pouco sobre suas

origens étnicas. A prática ocorrerá após a conclusão dos estudos sobre a temática da emancipação política do estado, com duração prevista para 3 aulas.

Na primeira aula os estudantes serão organizados em pequenos grupos e farão um breve levantamento sobre sua origem étnica e seu contato com a escola, explorando a possibilidade de seus pais ou irmãos terem estudado nela. Esta pesquisa deverá ser concluída em casa com o auxílio dos pais, caso haja algum parente que tenha estudado na escola, este aluno deverá verificar se existe algum registro fotográfico ou de outra natureza desta época e contar um pouco sobre ela.

As outras duas aulas serão utilizadas para gravação das entrevistas que deverão ser curtas, cerca de 5 a 8 minutos por grupo, o professor fará a mediação em cada grupo e ao término destas entrevistas serão encaminhadas para a equipe da rádio escolar para a exibição.

O esperado é que a atividade deixe como legado para o patrimônio escolar o levantamento de fontes que porventura estejam nas famílias dos alunos, possibilitando que sejam realizadas cópias deste material para melhorarem a composição do acervo. A seguir será apresentada a atividade desenvolvida para o nono ano.

3.4.3 O Jogo: Uma Escola Viva - 9º Ano

Com as turmas de nono ano foi desenvolvido um jogo de tabuleiro que faz a junção de jogo analógico com digital. Apesar do grande desenvolvimento da ideia, não foi possível concluir a proposta. As cartas e o tabuleiro ficaram prontos, todavia, não houve tempo para finalizar alguns elementos importantes do jogo.

Conforme discutido anteriormente, o uso do digital pode trazer importantes contribuições para o ensino de História, contudo, é de suma importância que se faça uma discussão sobre os jogos digitais, assim como a busca de informações na internet é muito utilizada pelos estudantes os jogos com enredos históricos também são muito comuns entre os jovens e os temas que corriqueiramente mais despertam interesse no componente curricular de História, normalmente, estão presentes nos jogos.

Embora nem todos os jogos tenham o objetivo de ensinar e não constituam, necessariamente, fontes históricas, o que se percebe é uma simulação de eventos que contam com heróis e vilões. Assim, a aproximação do jogo com o Ensino de História possui o potencial de potencializar o interesse e a curiosidade que o jogador desperta sobre determinado assunto. Temos então uma abertura de portas para que os eventos históricos e a compreensão sobre espaço e tempo, possam ser entendidos.

Ainda que o jogo não propicie ao jovem a aprendizagem da História formal dos programas curriculares, opera com determinadas formas de pensar historicamente que contribuem significativamente para a compreensão dos conteúdos históricos. (Arruda, 2014)

O jogo proposto tem como uma de suas principais características a união das plataformas analógica e digital, podendo então aproveitar-se das melhores características de ambas, sendo assim, também é de grande importância e utilidade analisarmos quais as vantagens e os benefícios que podemos obter dos jogos analógicos.

Conforme já apontado no capítulo 1, desde que bem aplicado, o jogo analógico pode ser uma poderosa ferramenta pedagógica, assim cabe ao professor que busca essa aliança com os jogos fazer com que eles sejam um espaço favorecedor das inteligências múltiplas:

O fato é que, brincando, é possível experimentar comportamentos que, em situações normais, talvez jamais fossem tentados por medo do erro ou da punição, devido à menor pressão social existente na brincadeira. Destaca-se, aqui, outro aspecto da aprendizagem a ser valorizado: seu caráter exploratório. (Fortuna, 2013, p.81)

Tanto os jogos analógicos como os digitais possuem características que beneficiam a aprendizagem, através deles é possível estabelecer processos de comparação com as decisões possíveis e com a realidade, bem como buscar soluções para os problemas encontrados, o pensamento comparativo é muito importante ao falarmos do ensino de História.

De um modo geral, os jogos podem ser utilizados de várias formas, produzindo resultados positivos, principalmente quando aliados a outras formas de construção de conhecimento como leituras, comparações de fontes históricas, entre outros, atuando assim estrategicamente como facilitadores na compreensão de situações abstratas ou pouco significativas ao estudante:

Ao experimentarmos o jogo como prática potencializadora dos processos de ensino e aprendizagem do conhecimento histórico, reconhecemos que o encantamento e a estética devem compor nosso universo de proposições como professores. (Meinerz, 2013, p. 104)

Volto a reforçar que assim como as outras proposições para o ensino que foram apresentadas aqui, os jogos não podem ser tratados como solucionismo, e sua utilização exaustiva acabará por gerar os mesmos problemas encontrados na repetição do ensino tradicional, é preciso assim preocupar-se também com a diversificação dos métodos de ensino.

Entendidos os conceitos sobre jogos analógicos e digitais e a sua importância para o ensino, partimos agora para a explicação do jogo realizado projetado para as turmas de nono ano. Para a realização do jogo será utilizado um tabuleiro que contará com 62 casas, sendo que cada uma representa um ano desde a criação da escola até o ano atual. Cada jogador deverá lançar o dado e andar quantas casas forem sorteadas, sendo que ao chegar em uma delas ele deverá procurar no baralho disponível o número do ano onde ele se encontra.

Após encontrar a carta, o jogador verá no seu verso uma regra que informa em qual período ele está e determina qual ação deverá ser executada - também contará de um QR code que será lido pelo smartfone do estudante o encaminhará até o site onde está hospedado o quiz do jogo.

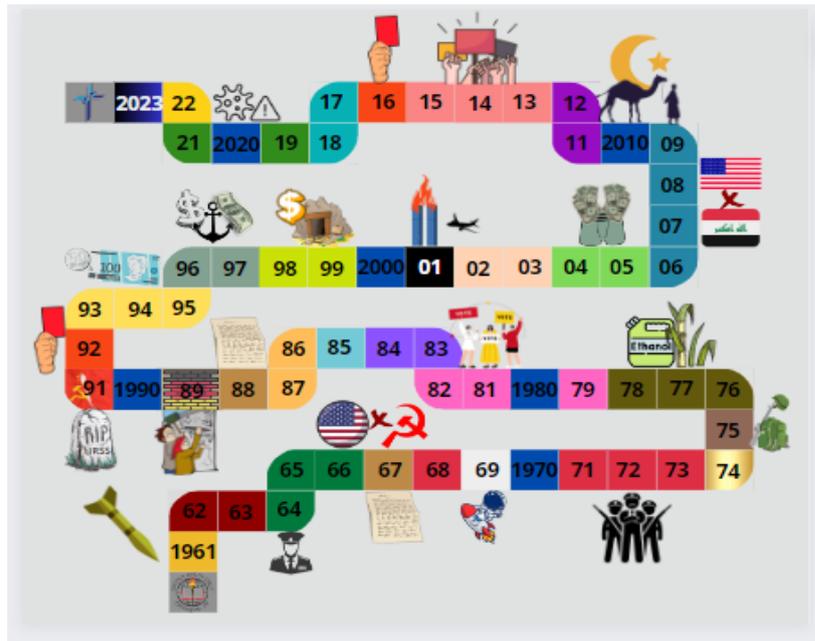
Após realizar a leitura e entrar no quis, o jogador encontrará uma ou mais fotografias da turma de concluintes da escola daquele ano. A propósito, tenho observado nos alunos que estão me ajudando a desenvolver o jogo, que o fato de visualizarem estudantes da mesma idade deles em outras épocas é bastante curioso e desperta interesse histórico. Ainda na tela inicial do quiz estará disponível o botão que leva até a pergunta, a lista com os nomes dos concluintes, alguma curiosidade ou fato sobre a escola e uma música que tenha feito sucesso no ano em questão.

Após clicar no botão que leva até a pergunta do quiz e respondê-la, o jogador volta ao tabuleiro e poderá, de acordo com a regra de sua carta, ficar uma rodada sem jogar, avançar ou retroceder casas e assim passar a vez ao próximo jogador. Vence o primeiro que chegar à casa com o ano atual.

A pergunta de cada casa será correspondente a algum fato histórico ocorrido no período ou no ano em que o jogador parou, sendo que ela será correspondente a algum conteúdo estudado em história durante o ano. As peças do jogo são o logo antigo, o atual, o logo da escola municipal que funciona no mesmo prédio e o logo da positivo com quem a escola tem um convênio há mais de 40 anos.

É importante destacar que nem todos os estudantes necessitam possuir um smartphone para a realização do jogo, sendo possível jogar com apenas um aparelho, uma vez que enquanto um jogador está no quiz vendo as imagens ou lendo e respondendo as questões, os demais jogadores estão aguardando chegar a sua vez. Abaixo temos algumas imagens do tabuleiro, das cartas com as regras e do quiz.

Figura 35 - Tabuleiro do jogo



Fonte: O autor (2023)

Figura 36 - Peças dos jogadores



Fonte: O autor (2023)

Figura 37 - Exemplos de cartas



Fonte: O autor (2023)

Dentre as atividades propostas esta foi a mais complexa e sua conclusão demanda ainda de parcerias para a seleção de fotos das turmas concluintes de pelo menos metade do período. Como legado, após o término da atividade será montada uma linha do tempo com as turmas de concluintes, assim tanto de forma física como virtual o visitante poderá acessar as imagens.

Outro ponto importante é salientar que caso a escola venha futuramente a contar com ensino médio, todas as propostas de atividades podem ser adaptadas e melhoradas visando seu aprimoramento e para contemplar as novas turmas.

Grosso modo, a proposta descrita tem como objetivo a articulação entre os conteúdos curriculares e a História Local, a organização do acervo é fundamental para conseguirmos executar essas atividades, porém como estamos tratando de uma instituição com mais de sessenta anos alguns recortes se fizeram necessários para facilitar o início do trabalho.

Os recortes temporais e as fontes utilizadas variaram de acordo com o andamento dos planejamentos elaborados para cada série do Ensino Fundamental II, sendo que o principal critério utilizado para escolher as fontes foi a utilidade que os itens teriam para as atividades, tornando-se possível a ampliação deste projeto após o cumprimento das práticas propostas, adentrando assim cada vez mais no acervo e nas memórias da escola.

Concluindo, de alguma maneira, as atividades dialogam com o patrimônio local. Todas elas têm um caráter prático, baseadas em projetos que façam os estudantes se aproximarem do ofício e dos objetos de estudo dos historiadores, visando o aumento do interesse dos alunos por História, sua formação identitária, favorecendo o entendimento das realidades estudadas, para que assim possam atuar como modificadores da própria realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas reflexões e problematizações são necessárias para finalizar este trabalho, portanto, é imprescindível analisarmos a trajetória percorrida, objetivos propostos, desafios encontrados, êxitos da pesquisa e a necessidade de revisão.

Assim sendo, é importantíssimo destacar as reflexões relativas ao Ensino de História, visto que muitas mudanças ocorreram ao longo de décadas trazendo novos desafios e a necessidade de um ensino diversificado, mostrando a diversidade de possibilidades que podem ser utilizadas a fim de enriquecê-lo.

Os diálogos com a Educação Patrimonial e as atividades museais na escola se mostraram de grande valor, pois mostraram que além de auxiliar na diversificação no ensino de História podem assumir um papel importante na complementação curricular e difundir aspectos importantes da História e do patrimônio local para os estudantes.

Da mesma forma, a junção das atividades patrimoniais/museais com os jogos e o uso do digital nos demonstram a existência de uma diversidade de reflexões e caminhos metodológicos que possibilitam alcançarmos os objetivos propostos.

Nesse sentido, o objetivo principal sempre foi a junção da Educação Patrimonial e museal com os conteúdos curriculares da disciplina de História, através de atividades que possibilitam a diversificação do ensino e aproximam o estudante da memória local, resultando em pesquisas sobre a instituição, a fim de que quando concluídas não sejam guardadas ou descartadas, ao contrário, se tornem o acervo de um espaço de memória disponibilizado à toda comunidade escolar, transcendendo as fronteiras da sala de aula.

As atividades que foram planejadas para a realização desta junção, do patrimonial e museal com os conteúdos curriculares relacionados com a História Local, foram pensadas a fim de abranger todas as turmas do ensino fundamental II, no entanto, vários empecilhos impossibilitaram a realização de atividades com algumas turmas.

Outro ponto que precisou ser revisto durante a elaboração deste trabalho foi a construção de um museu fixo. A necessidade de organização de um espaço físico em conjunto com a demanda de parcerias com profissionais da Museologia fez com que outras soluções fossem buscadas momentaneamente.

Estes empecilhos não significam que as ideias foram deixadas de lado, apenas indicaram a necessidade do adiamento de sua realização para outro momento. A propósito, segue em anexo segue um projeto para organização de um museu no colégio Santa Cruz. Esse projeto sistematiza resultados de experiências realizadas nas leituras e atividades desta dissertação.

Por outro lado, é importante ressaltar os objetivos que já foram alcançados, demonstrando que é possível conciliar o patrimônio local com os conteúdos curriculares da disciplina de História, deixando como legado um museu digital em funcionamento e variadas metodologias e atividades de ensino como possibilidades para sua continuação.

Outro ponto que vale a pena ser destacado é a expressiva participação dos estudantes envolvidos em todo o processo, e aqui não me refiro apenas aos alunos que participaram de atividades, mas também dos que auxiliaram com ideias e pesquisas. Não me restam dúvidas de que este envolvimento comprova o potencial para que este projeto continue sendo construído e evolua cada vez mais.

Por fim ressalto que embora este trabalho já tenha apresentado resultados significativos, ainda há muito a ser feito, sendo assim, todas as possibilidades de atividades que não foram concluídas até o momento da entrega deste texto serão apresentadas para a escola a partir do projeto disponibilizado nos apêndices, a fim de que seja executado nos meses seguintes à finalização deste trabalho de mestrado.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia Maria. **A história nossa de cada dia**: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.
- ARRUDA, Eucídio Pimenta. Jogos digitais e aprendizagens. *In*: MAGALHÃES, M. *et al.* **Ensino de História**: usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- ARRUDA, Marcelo de Souza Magalhães; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; CIAMBARELLA, Alessandra *et al.* **Ensino de história**: usos do passado, memória e mídia. [S.l.]: Editora FGV, 2014.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Procedimentos Metodológicos no Ensino de História. *In*: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes; MARTINS, Ana Maria Ferreira; MONTEIRO, Ana Maria; VASCONCELOS, Diogo da Silva (org.). **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2018. 328 p. (Coleção Docência em Formação).
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília: MEC, 2017, 2018.
- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: História e Imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CAIMI, Flávia Eloísa. Geração Homo zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. *In*: MAGALHÃES, M. *et al.* (org.). **Ensino de História**: usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- CÂMARA, Sérgio; BENICIO, Milla. HISTÓRIA DIGITAL: entre as promessas e armadilhas da sociedade informacional. **Revista Observatório**, v. 3, n. 5, p. 38, 2017.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. 1.reimp. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAPANEMA. Prefeitura Municipal. **Município de Capanema**. Disponível em: <https://www.capanema.pr.gov.br>. Acesso em: 3 mar. 2022.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; LUCCHESI, Anita. História Digital: reflexões, experiências e perspectivas. *In*: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- CECATTO, Adriano. **O ensino do uso de imagens na formação de professores de História**. 2013. 175 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará/UECE, Centro de Educação, Fortaleza, 2013.

COHEN, Daniel J.; ROSENZWEIG, Roy. **Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006. 316 p.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; MONTEIRO, Rísia Rodrigues Silva; MELO, Rafaela Cravo de. Produção de Documentação Oral e a Preservação da Memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, Dossiê “Patrimônio-Educativo e História oral: subjetividades e diversidades na contemporaneidade”. **Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo (RIDPHE_R)**, v. 4, n. 2, 2018.

CONVOCATORIA a dossier. Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación. Disponível em: <https://historiadelaeducacion.cl/?journal=home&page=announcement&op=view&path%5B%5D=2>. Acesso em: 17 mar. 2024.

COSTA, Carina Martins. **Uma casa e seus segredos: formação de olhares sobre o museu Mariano Procópio**. Dissertação (Mestrado em História) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.

CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; BUENO, André. **Para um novo amanhã: visões sobre aprendizagem histórica**. [s.l.]: Sobre Ontens, 2016.

DELGADO, L. de A. N. **História oral-memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte:Autêntica, 2006.

FIORUCCI, Flavia; VISMARA, José Bustamante. **Palabras claves en la historia de la educación argentina**. [s.l.: s.n.], 2019.

FORQUIN, J. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre, RS: ArtMed, 1993.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Brincar é Aprender**. In: GIACOMONI, M. P.; PEREIRA, N. M. **Jogos e ensino de história**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p.63-98.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Mal-Estar no Patrimônio: Identidade, Tempo e Destruição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.28, n.55, p.211-228, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/FqbLtvWWzkbQGZQsb5jkrjr/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 17 maio 2024.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E PESQUISA. **Panorama do Censo 2022**. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal. Acesso em: 13 abr. 2024.

KANT, Immanuel. Duas introduções à crítica do juízo. *In:* SCRUTON, Roger. **Beleza**. Tradução de Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 5.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 3.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 5.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

LARROSA, J. Impedir que el mundo se deshaga. *In:* LAROSSA, J.; RECHIA, K.; CUBAS, J. (ed.). **Elogio del professor**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2020.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In:* LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 1990.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história, possibilidades de análise. *In:* CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (org.). **A Leitura de Imagens na pesquisa social**. São Paulo: Cortez, 2004.

MEINERZ, Carla Beatriz. Jogar com a História na sala de aula. *IN:* GIACOMONI, M. P.; PEREIRA, N. M. **Jogos e ensino de história**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p.99-116.

MELLO, Janaína Cardoso. Léxico, Cultura e Ensino: o patrimônio imaterial no Museu da Gente Sergipana. **Revista de História**, João Pessoa, v. 27, n. 46, p. 285-305, jan./jun. 2022, ISSN 2317-6725.

MELLO, Janaína Cardoso. Museografia do Trabalho e Ensino em Um Barco Museu: a Fragata Presidente Sarmiento (Buenos Aires, Argentina). **História e Cultura**, v.12, n.1, jul. 2023.

MELLO, Janaína Cardoso. Museus e ciberespaço: novas linguagens da comunicação na era digital. **Cultura histórica e Patrimônio**, Alfenas, MG, v.1, n.2, p. 6-29, 2013.

MELLO, Janaína Cardoso. O Museu como memórias plurais e resistência cultural no Ensino de História. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 21, n. 69, p. 591-616, abr./jun. 2021.

MELLO, Ricardo Marques de. **Como a Escrita da História é Elaborada?** Uma breve explicação sobre como historiadores convertem informações do passado em livros de história 1.ed. Curitiba: Editorial Casa, 2022.

MISKIW, Antonio Marcos. **Colonos, Possesiros e Grileiros: conflito de Terra no oeste paranaense (1961-1966)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense/UFF; Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Niterói, 2002.

MONTEIRO, Ana Maria E da C. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. *In:* **História & Ensino**, Londrina, v.9, p.9-35, out. 2003. Disponível em <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12075> Acesso em: 14 fev. 2024.

OLIVEIRA, J.P.G.; CHALOPA, R. F. de S. Com o mar por meio: patrimonialização escolar em instituições educativas luso-brasileiras. **História da Educação**, v. 27, p. e128695, 2023.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: História. Secretária de Estado da Educação do Paraná. Curitiba: Jam3 Comunicações, 2008.

PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro; COSTA, Carina Martins; NASCIMENTO, Silvania Sousa do. **Escola e museus**: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Cefor, 2007. 128 p.

POLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRENSKY, Mark. Digital natives, digital immigrants. *In*: CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; BUENO, André (org.). **Para um novo amanhã**: visões sobre aprendizagem histórica. [s.l.]: Sobre Ontens, 2016.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: ARGOS, 2004.

REGES, L. M. G. Por uma História Local: relatos de experiência na formação do docente em História. **Revista de História**, João Pessoa, v. 26, n. 45, p. 305-315, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/58852/34880> Acesso em: 17 abr. 2024.

ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (org.). **O Ensino de História em Questão**: cultura histórica, usos do passado. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

ROSSI, E. R. A educação escolar primária na Primeira República (1889-1929). **Série-Estudos**, v.22, n.45, p.159-171, 2017. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/download/1048/pdf/2635> Acesso em: 17 abr. 2024.

SANTANA, Mariely Cabral de. **Alma e festa de uma cidade**: devoção e construção da Colina do Bonfim. Salvador: EDUFBA, 2008. 246 p.

SANTIAGO, Pedro; CERQUEIRA, Célia; PONTES, Maria Aparecida. **Por dentro da História**. v.3. 4.ed. São Paulo: Escala Educacional, 2016. 376p.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos. **Patrimônio histórico e cultural**: leitura crítica dos conceitos e suas implicações na prática escolar. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. Tradução Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2013.

SERRANO, Jonathas. A Escola Nova. *In*: MAGALHÃES, M. et al. **Ensino de História**: usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

SILVA, Cristiani Baretta da. Patrimônio educativo. *In*: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (org.). **Dicionário temático de patrimônio**: Debates contemporâneos. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2020. p. 205-209.

SIMAN, Lana Mara de Castro; COSTA, Carina Martins; NASCIMENTO, Silvana Sousa do. **Escola e Museus: diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Cefor, 2007.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. 4. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VIANA, Felipe Souza. A prática docente e o uso da imagem: estudo de caso de um professor de História. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

VIANCULLI, K.; VISMARA, J. B. El Archivo Escolar como dispositivo pedagógico. **Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación**, Santiago de Chile, n.12, set. 2019. Disponível em: https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/182849/CONICET_Digital_Nro.2bf2d131-3b46-4b3d-96a9-a484840553ce_B.pdf?sequence=2&isAllowed=y Acesso: 14 fev. 2024.

APÊNDICE A – PROJETO ATIVIDADES PARA O MUSEU DA ESCOLA SANTA CRUZ

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Este projeto é destinado à Escola Estadual Santa Cruz - Ensino Fundamental e Integral, localizada na cidade de Capanema - PR. Enquanto resultado da pesquisa e atividades do mestrado no ProfHistória da Unespar, ele propõe a criação de um museu e da apresentação de uma série de atividades práticas voltadas para o ensino de história, que utilizam elementos do patrimônio da instituição.

O objetivo é promover a integração da Educação Patrimonial e Museal com os conteúdos curriculares. Juntamente com a proposta de atividades será apresentado um plano para a construção de um espaço museal físico para realizar as exposições dos itens utilizados e catalogados a partir das atividades. Ressalto que atualmente já existe um museu virtual em funcionamento na escola com o mesmo propósito.

O plano foi concebido a partir da ideia de melhorar a relação dos estudantes com os conteúdos curriculares de história. Assim, atua no campo da Educação Patrimonial, utilizando elementos do cotidiano, visto que é na escola onde ocorre a construção do saber e de relações que culminam na autonomia dos alunos e no entendimento da sociedade onde vivem:

A educação escolar não se limita a fazer uma seleção entre o que há disponível da cultura num dado momento histórico, mas tem por função tornar os saberes selecionados efetivamente transmissíveis e assimiláveis. Para isso, exige-se um trabalho de reorganização, reestruturação ou de transposição didática que dá origem a configurações cognitivas tipicamente escolares, capazes de compor uma cultura escolar *sui generis*, com marcas que transcendem os limites da escola (Forquin, 1993, p.16).

De uma maneira geral, durante as últimas décadas do século XX e o início do século XXI o ensino de história tem passado por reformulações, assim as práticas tradicionais, até então baseadas nas aulas expositivas e no conteúdo do livro didáticos, que comumente tratam das nações e dos feitos das figuras de heróis, tem dividido espaço com as histórias locais:

O fundamental é partir do mundo vivido. Contudo, não se trata de um método de revelação do real. Pelo contrário, o intuito dessa pedagogia do objeto é ampliar nossa percepção sobre a historicidade do real, sobre a multiplicidade cultural entranhada nos objetos – a trama de valores e seres humanos que reside na criação, no uso, na transformação, na destruição ou na reconstrução de objetos. (Ramos, 2004, p. 34)

Vale destacar que estas mudanças não causaram a ruptura completa com o ensino tradicional, sendo assim, as histórias das nações, dos reis e presidentes não deixaram de ter importância, o que mudou é que agora não são a única coisa que importa, dividindo espaço com as memórias locais, objetivando que os estudantes compreendam a sociedade onde vivem.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Conforme observado, o ensino de história vem sofrendo nas últimas décadas algumas transformações e esta metamorfose carrega consigo a necessidade de diversificação dos métodos de ensino, sendo assim, este documento apresenta algumas proposições referentes à junção ou a conciliação dos conteúdos curriculares com a educação museal e patrimonial.

Em nosso cotidiano, em sala de aula, nos deparamos com obstáculos corriqueiros do ensino de história. É comum verificar que os conteúdos são abstratos para os estudantes e afastados de sua realidade, portanto, possuem pouco significado para eles:

O processo tradicional, atualmente, é condenado por quase todas as correntes da Pedagogia. Ele é acusado de reproduzir o conhecimento dominante, perpetuar a ideologia da opressão, a cultura do silêncio, por meio da ‘concepção bancária da educação’, que consiste no ‘ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimento’ (Freire, 1987, p. 67)

Sendo assim, esta proposta busca servir como uma ponte, aproximando os conteúdos curriculares à realidade dos estudantes, através da utilização dos ricos elementos locais e patrimoniais da instituição escolar em conjunto com os conteúdos curriculares. Dessa forma, pode-se conceber atividades que tornem o ensino lúdico e prazeroso ao mesmo tempo em que auxiliam o estudante no reconhecimento de sua realidade.

Cabe destacar que as propostas aqui descritas não têm como objetivo substituir completamente as formas de ensino tradicionais ou tratar a educação museal e patrimonial como a solução para todos os problemas do ensino de história, trata-se, antes, de oferecer alternativas viáveis, servindo como um auxílio metodológico que permite trabalhar com o contexto cotidiano dos estudantes.

Outra questão levantada é a construção de um museu físico a partir dos itens listados e catalogados pelas atividades com os estudantes, visto que possui enorme potencial para utilização em outras atividades, bem como a abertura da possibilidade de visitação pela comunidade escolar. Para que aconteça a realização das exposições do espaço físico é necessário que ocorra uma parceria com a área de museologia, a fim de adequar sua apresentação às características essenciais da expologia e da expografia.

Para concluir, resalto os resultados alcançados pelo museu virtual que já se encontra em funcionamento nos oferecendo uma prévia e pelas atividades ligadas às fotografias que também já ocorreram, mostrando o potencial deste trabalho. A seguir apresento algumas discussões que norteiam a utilização da educação museal e patrimonial no ensino de história.

3 APORTE TEÓRICO

Muitas vezes, quando falamos em memória, nos vem à mente nossas recordações de infância, momentos alegres e brincadeiras, muitos destes vividos dentro da escola. Assim, a utilização de memórias de um lugar afetivo pode ser um poderoso aliado no ensino de história, além de fazer parte de

um processo de conhecimento e entendimento da sociedade em que o estudante vive. Para Le Goff (1990) a memória coletiva pode ser utilizada como instrumento de poder, assim cabe aos profissionais científicos da memória como os historiadores trabalharem para que a memória sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

É preciso reconhecer que a diversificação metodológica do ensino de história é fundamental para obtermos êxito na formação de estudantes críticos, protagonistas e conhecedores de sua sociedade. Neste sentido podemos perceber a importância da educação patrimonial, visto que através dela ocorre a conexão do estudante com seu passado, possibilitando assim o entendimento de seu presente e até mesmo a projeção de seu futuro, aprendendo a valorizar e cultivar suas memórias e identidades, contribuindo assim com sua conservação. Assim:

O museu é um ambiente educativo peculiar. Ele tem um acervo de registros selecionados da vivência sócio-histórica. Ele tem, afinal, materialidade e oportunidades de simbolização não encontradas na escola. (Siman, *et al.*, 2007, p. 37)

Nossa sociedade é composta de uma ampla diversidade de identidades e valores, tais afinidades tem enorme potencial quando aliadas à educação patrimonial para a ampliação dos métodos e estratégias normalmente utilizadas em sala de aula. Assim cabe a nós professores organizarmos tais recursos metodológicos para que eles possam se tornar ferramentas úteis em nosso cotidiano escolar:

Um tipo de arquitetura, assim como uma culinária, uma atividade festiva, uma forma de artesanato ou um tipo de música, pode ser identificado como “patrimônio cultural” na medida em que é reconhecido por um grupo (e eventualmente pelo Estado) como algo que lhe é próprio, associado à sua história e, portanto, capaz de definir sua “identidade”. (Gonçalves, 2015, p.213)

A riqueza de possibilidades presente no ambiente escolar nos permite ampliar os conhecimentos e habilidades dos estudantes, transportando-os para um mundo muito além da simples transmissão de conhecimentos, de acordo com a visão de Masschelein (2014), segundo o qual o ambiente escolar possibilita que os saberes e as habilidades que estão presentes na sociedade podem ser disponibilizados ao público, neste caso os arquivos, a história local e escolar devem ser profanados, obviamente que este termo é utilizado em um bom sentido, aquele em que eles são disponibilizados a todos e possam sofrer ressignificação.

Portanto, a Educação Patrimonial e Museal contribui para o ensino de história à medida em que fortalece os laços entre os estudantes, sua comunidade escolar e os conteúdos curriculares, tornando o ensino prazeroso e contribuindo para a formação de sujeitos críticos conhecedores de sua realidade: “Os patrimônios são percebidos como “sintomas” de nossas experiências do tempo: ao descrever e analisar suas variações históricas e geográficas, estaríamos na verdade comparando formas diversas de se experimentar o tempo” (Hartog, 2003).

Para concluir, ressalto que a junção entre a Educação Patrimonial e os conteúdos curriculares não visa a completa substituição das matérias ensinadas, ao contrário, ela tem um sentido de enriquecimento e complementação do currículo da disciplina de História.

4 HIPÓTESES

A implementação das atividades propostas pode contribuir significativamente com as mudanças no Ensino de História à medida em que possui enorme potencial metodológico, auxiliando na compreensão de conteúdos abstratos e afastados do cotidiano dos estudantes, fortalecendo os laços de identidade e pertencimento, bem como no empreendimento de ações que contribuem para a preservação do patrimônio local, favorecendo assim a formação de sujeitos que compreendem a sociedade onde vivem.

Ao mesmo tempo, tais atividades requerem pesquisas nos arquivos presentes na instituição, ao realizar estas análises contribuiremos para a seleção e a catalogação de imagens e itens do acervo escolar, possibilitando que eles possam ser redescobertos e reinterpretados.

Outro ponto importante acerca da manipulação do acervo é a possibilidade de sua exposição física e virtual para a comunidade, trazendo consigo a aproximação da população com a instituição escolar, atuando na preservação das memórias e no enriquecimento do acervo à medida em que muitas famílias possuem itens ou imagens que podem vir a contribuir com as exposições.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral

Criação de um museu físico, para a partir dele promover atividades diferenciadas para o ensino de história através da junção entre os elementos do patrimônio e os itens do arquivo escolar com os conteúdos da grade curricular, de modo que todos os itens do acervo que forem utilizados nas atividades permanecem em exposição para a comunidade em um espaço museal físico dentro da instituição.

5.2 Objetivos Específicos

Proporcionar um ensino de história rico em experiências em que os estudantes se aproximam das memórias locais se conectando às suas identidades.

Promover a Educação Patrimonial a fim de que os estudantes saibam valorizar e proteger as memórias locais e seu patrimônio afetivo.

Atuar na formação crítica dos sujeitos, desenvolvendo através de atividades ligadas à história local o entendimento do presente visando a compreensão da sociedade em que eles vivem.

Disponibilizar à comunidade o acesso ao museu físico e digital, possibilitando que as pessoas que passaram pela escola se reconheçam e possam auxiliar na ampliação das memórias.

6 METODOLOGIA

O projeto de atividades patrimoniais do museu da escola Santa Cruz já se encontra em andamento desde o ano de 2023, quando foi realizada uma prática chamada de “Mudanças e

Permanências a Partir da Fotografia”, com a turma do 6º ano ligada às imagens históricas do interior e do entorno da instituição.

Da mesma forma, a iniciativa da criação de um espaço museal também foi iniciada no mesmo ano através da criação de um ambiente virtual de memória inserido dentro do site da escola, desta maneira o que será apresentado a seguir é um plano de continuação das atividades com todas as turmas do ensino fundamental II e um planejamento para ampliação do espaço museal para exposições físicas disponíveis para toda a comunidade escolar.

Para dar início à apresentação das atividades planejadas apresento outra prática ligada às turmas de 6º ano denominada “Trilhando o Passado: Explorando Fontes Históricas”, seu objetivo é demonstrar aos estudantes a rica diversidade das fontes históricas e possibilitar uma amostra de como é o ofício do historiador.

Para realizar esta tarefa, os alunos terão de escolher entre alguns objetos previamente selecionados no arquivo da escola, para então fazer uma pesquisa objetivando estabelecer alguns dados sobre a fonte escolhida e preencher uma ficha que será apresentada aos colegas, a ficha deverá conter o nome do objeto, sua utilidade, qual tipo de fonte se refere (Imagem, documentos textuais, materiais, etc.), possível período de uso ou idade e o que mais possa ser descoberto através de pesquisa. Esta prática tem enorme potencial pedagógico e deve deixar como legado a catalogação de diversos itens para o museu físico.

Na sequência, comento a atividade relativa às turmas de 7º ano, denominada “Álbum Patrimonial”, na qual os estudantes receberão um álbum de figurinhas com imagens relacionadas à escola e após concluir as atividades de cada conteúdo estudado durante o ano letivo receberão um pacote com figurinhas para serem coladas, devendo ainda preencher o campo específico de cada página referente às informações de cada item. A proposta deixa como legado as imagens e itens catalogados.

Aos estudantes do 8º ano será ofertada a atividade denominada “O Locutor da História”, cujo objetivo será a criação de um programa de rádio em que os alunos falarão um pouco sobre suas origens étnicas e contato com a instituição escolar. A prática estará vinculada ao conteúdo Emancipação Política do Paraná, e tem potencial para levantar possíveis fontes presentes nas residências das famílias dos estudantes.

Por fim apresento o jogo de tabuleiro destinado às turmas de 9º ano denominado “Uma Escola Viva”, que possui características analógicas e digitais e possibilita uma revisão de todos os conteúdos ensinados durante o ano, visto que o jogador deve se deslocar por um tabuleiro onde cada casinha corresponde à um ano desde a criação da instituição (1961), sendo assim, em cada casa haverá desafios e perguntas a serem respondidas para então avançar à próxima etapa.

Para finalizar, o detalhamento metodológico deste projeto, apresento a proposta para iniciar as exposições do museu físico, destaco outra vez que atualmente existe uma versão virtual do museu no site da escola onde é possível visitar algumas imagens da instituição.

Para abrir o plano de exposição se faz necessária a análise de um local próprio para abrigar o espaço museal, sendo assim, deixo aqui registradas duas possibilidades que podem ajudar a nortear a escolha do ambiente ideal.

A primeira opção é a disponibilização de uma sala exclusiva para as exposições, neste caso as conhecidas limitações de espaço podem ser um obstáculo que deve ser considerado na análise. Desta forma a segunda opção acaba se tornando mais acessível, trata-se da montagem das exposições dentro da sala temática de história, neste caso a viabilidade da proposta depende da continuidade e efetivação do plano de implementação das salas na escola.

O planejamento e o desenvolvimento das exposições físicas ganham corpo a partir da compreensão dos conceitos museológicos trazidos por Mello (2023) como a expologia e a expografia, assim, foi possível pensar nas questões relativas aos itens e à organização das exposições em um espaço museal fixo.

Ao ser definido o local partimos para as questões referentes à exposição, a primeira delas é a respeito dos expositores, para isso é necessário um levantamento da quantidade de móveis à disposição e de recursos para eventuais aquisições. Após a definição do local e dos expositores é o momento de pensar na organização e em quais itens serão expostos, destaco que inicialmente a prioridade será dos materiais catalogados pelas atividades patrimoniais.

Para finalizar ressalto que esta proposta deve ser complementada e revisada a partir de parcerias com a área de Museologia, a fim de que as ações sejam amparadas e pensadas do ponto de vista de profissionais da área.

7 IMPACTOS ESPERADOS

Diversificação no ensino de história tornando-o significativo aos estudantes e conectado às suas identidades.

Melhora na preservação do patrimônio local.

Superação de diversas barreiras do ensino de história, contribuindo para um ensino rico, onde os estudantes compreendem seu presente e a sociedade onde vivem, tornando-se assim protagonistas nela.

Aproximação entre a escola e a comunidade através das exposições museais.

8 REFERÊNCIAS

FORQUIN, J. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre, RS: ArtMed, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Mal-Estar no Patrimônio: Identidade, Tempo e Destruição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 211-228, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/FqbLtvWWzkbQGZQsb5jkrjr/?lang=pt&format=pdf>

HARTOG, François. **Régimes d'historicité**: présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2003

MASSCHELEIN, Jan Em defesa da escola: uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MELLO, Janaína Cardoso. Museografia do Trabalho e Ensino em Um Barco Museu: A Fragata Presidente Sarmiento (Buenos Aires, Argentina). **História e Cultura**, v.12, n.1, p. 92, jul. 2023.

PEREIRA, Júnia Sales et al. **Escola e Museus**: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / Cefor, 2007. 128 p.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó – SC: 2004, p.34.

SIMAN, Lana Mara de Castro; COSTA, Carina Martins; NASCIMENTO, Silvana Sousa do. **Escola e Museus**: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Cefor, 2007.